ECONOMIA | POLÍTICA | CIÊNCIA | TECNOLOGIA | ESPORTES | CULTURA | MÍDIAS

CADERNO CULTURAL



CONSCIÊNCIA CULTURAL PARA UM FUTURO COMPARTILHADO

Nesta edição, a partir de reflexões que articulam herança cultural, educação, mídia e cidadania global, os alunos da Pan American School são incentivados a compreender seu papel na sociedade contemporânea e a promover o diálogo entre diferentes culturas como caminho para uma convivência mais empática e colaborativa.

Imagem criada a partir do uso de Inteligência Artificial

O QUE VOCÊ VAI ENCONTRAR NESTE VOLUME:

Redes sociais e efeitos nas eleições | Usos éticos da Inteligência Artificial | Novos tratamentos contra o câncer| Efeitos da dopamina | Edição genética e seus conflitos | Controle de uso de celulares pelas escolas | O vício em *bets* e o futuro das apostas| Alimentos mutantes | Inversão de papéis culturais entre países | Intolerância religiosa | Justiça fora de campo | Futebol Americano e ligas nacionais | Esportes à vela e navegação

VOLUME 2, 2025
ISSN 3085-8283

Caderno Cultural é uma publicação do Programa de Estudos Brasileiros desenvolvida pelos alunos da Grade 11 nas aulas da Pan American School.

Sumário

1 | EDITORIAL – Consciência cultural para um futuro compartilhado

ECONOMIA & POLÍTICA

2 | A revolução das redes sociais nas eleições
3 | Trump retoma a presidência e promete transformar o cenário global
5 | Promessas vazias, eleitores enganados e cortes para internet: as eleições atuais
7 | Entre poucos altos e vários baixos
8 | Sinop: a capital do "Nortão"
10 | O desenvolvimento do *Committee of Public Information* durante a primeira guerra mundial

CIÊNCIA & TECNOLOGIA

12 | Suas senhas estão em perigo (e você talvez não saiba disso)
14 | Hidrogel: a cura para o câncer cerebral?
16 | A epidemia da dopamina
17 | Ética na edição genética: um limite necessário?
19 | Austrália impõe controle nas redes sociais: proibição para menores de 16 anos
20 | Alimentos mutantes?
22 | Inteligência Artificial: o futuro ou um perigo invisível?

ESPORTES & COTIDIANO

23 | Quando ídolos viram réus: a atuação da justiça fora do campo
25 | O esporte internacional na cultura local
27 | *Touchdown*: a chegada do futebol americano ao Brasil
28 | O Brasil como novo país do basquete
30 | O futuro do Gigantinho
32 | O barco que eleva o Brasil: Mubadala em cena no Sail GP
34 | Os Jogadores devem ser responsáveis, dentro de campo, pelo que fazem fora dele?

CULTURA & MÍDIAS

35 | O Brasil e o vício de tentar a sorte
37 | A inversão dos papéis culturais
39 | Umbanda: resistência, fé e identidade cultural
40 | Contra os fantasmas da polarização: por uma educação midiática crítica e digital
42 | Como o *Brawl Stars* mudou o Brasil
44 | *Whiplash*: o sacrifício da perfeição
46 | A importância dos feriados nacionais
47 | O abacaxi tem lugar na pizza?

Editorial

consciência cultural para um futuro compartilhado

OTTO HOMRICH
MESTRE EM LINGUÍSTICA APLICADA COM ÊNFASE EM ANÁLISE DO DISCURSO
ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA
PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA DA PAN AMERICAN SCHOOL

RODRIGO VIEIRA PINNOW
DOUTORANDO EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS
ESPECIALISTA EM LETRAMENTO DIGITAL, MEMÓRIA SOCIAL E HUMANIDADES DIGITAIS
PROFESSOR DE HUMANIDADES DA PAN AMERICAN SCHOOL

Nesta edição do **Caderno Cultural**, convidamos nossa comunidade a refletir sobre um tema essencial para o século XXI: a consciência cultural como caminho para um futuro compartilhado. Em tempos de intensas transformações sociais, políticas e tecnológicas, torna-se urgente reconhecer que o conhecimento e o respeito pelas culturas que nos cercam são condições indispensáveis para a convivência em uma sociedade plural e interdependente. Trabalhar com consciência cultural não é apenas valorizar o que nos diferencia, mas compreender que a diversidade de histórias, tradições e modos de vida é o que nos enriquece como humanidade. Ao abordarmos temas como identidade, herança cultural e convivência ética em sociedade, nossos estudantes foram provocados a investigar como o passado se inscreve no presente — e como podemos projetar, juntos, um futuro mais justo, empático e inclusivo.

O **Caderno Cultural** reafirma-se aqui como uma ferramenta de educação para a cidadania. Ao apropriar-se de gêneros de mídia e refletir criticamente sobre suas vozes no espaço público, os alunos da *Grade* 11 se tornam autores de suas narrativas e participantes ativos na construção de um mundo melhor. Cada texto produzido reflete o esforço de compreensão e diálogo com o outro — seja esse "outro" alguém de sua família, de outra cultura ou de um tempo distante. Como educadores envolvidos com os estudos culturais, a memória social e a educação linguística crítica, acreditamos que fomentar a consciência cultural no ambiente escolar é uma maneira eficaz de enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais polarizado. Aprender a escutar, a narrar com responsabilidade e a reconhecer os traços culturais que formam cada um de nós é parte fundamental dessa construção.

Nosso público, a comunidade multicultural da Pan American School, é o cenário ideal para essa prática de escuta ativa e valorização das vivências individuais. Por isso, este **Caderno Cultural** é, mais do que nunca, um espaço de diálogo intergeracional e intercultural, onde os saberes coletivos se cruzam com as histórias individuais, os contextos sociais e as vozes do presente. Esperamos que esta edição inspire nossos leitores a pensar sobre o que carregamos como cultura, o que compartilhamos e o que podemos transformar coletivamente. Que este projeto siga sendo um espaço de escuta, criação e empatia. E que, ao olhar para o outro com respeito e curiosidade, possamos nos aproximar mais daquilo que sonhamos como futuro. Boa leitura — e boas conversas!

A revolução das redes sociais nas eleições

Campanhas pelas redes sociais criaram um novo olhar sobre a política, oferecendo aos eleitores um acesso mais livre às notícias e informações.

HADLER CORRALES STORMOVSKI
ISABELA LIMA WIEDEMANN

Atualmente, quando pensamos em campanha eleitoral, é impossível imaginar que um candidato possa vencer uma eleição sem depender intrinsecamente das redes sociais. Acostumamo-nos a visualizar múltiplos vídeos postados por Jair Bolsonaro, Donald Trump, Kamala Harris, entre outros políticos, como parte essencial de suas influências. Porém, em um passado recente, o êxito de uma campanha eleitoral dependia exclusivamente das grandes mídias e dos contatos políticos. Sem esses, um candidato não conseguia ser conhecido, nem passar suas ideias.

A divulgação de suas plataformas políticas, por muito tempo, dependia da imprensa. Candidatos se viam obrigados a despender milhões em propagandas nas mídias mais populares e de prestígio, como CNN, BBC, Rede Globo e SBT. Reportagens produzidas por essas redes também eram fundamentais, porém sempre acompanhadas do viés do jornalista. No Brasil, especificamente, o horário de propaganda eleitoral gratuita obrigatória por lei possuía grande relevância, e o tempo de exibição estava associado ao tamanho do partido político do candidato.

Em 2008, iniciou-se uma mudança, quando Barack Obama utilizou as mídias sociais como foco de sua estratégia eleitoral. De acordo com um estudo desenvolvido pela Universidade de Stanford em 2009, plataformas como YouTube, Twitter e Facebook foram utilizadas para produzir uma linha direta entre os eleitores e o candidato Obama, sem ter que passar pela grande imprensa. Outro veículo que levou ao sucesso de sua campanha foi o *MyBarackObama.com*, no qual era permitido aos apoiadores organizar eventos locais e arrecadar doações para a campanha, transformando eleitores passivos em protagonistas.

No Brasil, quem soube aproveitar com maestria essa mesma inovação foi Jair Bolsonaro em sua candidatura à presidência em 2018. Ao usar ferramentas como Facebook, WhatsApp, Instagram e YouTube, o então candidato conseguiu falar diretamente com o seu eleitor. Ele utilizou essas plataformas para divulgar sua campanha política, postando vídeos e textos informativos, sem depender da grande imprensa, atingindo um público cada vez maior, que aderiu às suas ideias. Durante o primeiro turno da eleição, seu tempo de propaganda eleitoral gratuita era limitado, em comparação ao de seus adversários, devido ao tamanho do partido pelo qual concorria. Para superar essa limitação, valeu-se de *lives* no YouTube e no Facebook. Enquanto já na presidência, realizou uma live por semana.

Nos dias atuais, uma variedade de políticos utiliza estas tecnologias para seu proveito. Outro caso conhecido no Brasil é o de Nikolas Ferreira,



(Reprodução: Transmissão ao vivo no Facebook, 2019)

um jovem mineiro, filho de pastor evangélico, que postava vídeos sobre ideias conservadoras, como religião, família e propriedade privada. Com isso, conseguiu atingir milhões de pessoas, tornando-se conhecido em todo o Brasil, o que viabilizou sua eleição para vereador de Belo Horizonte em 2020. Atualmente, exercendo o cargo de deputado federal desde 2022, possui milhões de seguidores nas redes sociais. Em suas redes, além de publicar suas propostas eleitorais, posta vídeos didáticos analisando problemas atuais. Se não fosse pela liberdade que as mídias digitais proporcionam, Nikolas Ferreira não teria atingido popularidade nacional e, consequentemente, não teria conseguido tornar-se vereador ou deputado federal.

Além de dar espaço para políticos expandirem sua influência sem necessidade das grandes mídias, as redes sociais abriram espaço para novos comentaristas políticos. Estes se valem de plataformas para analisar problemas atuais e, ao comentarem sobre suas visões políticas, acabam aumentando a popularidade de certos candidatos. Um exemplo conhecido é Charlie Kirk, um comentarista republicano, que possui um podcast no YouTube no qual debate ideias, além de criar um espaço para debates em campus universitários nos Estados Unidos. Durante as eleições de 2024, um dos locais no qual ele compareceu foi a Universidade de Washington, onde debateu com estudantes sobre os planos dos candidatos para a presidência dos Estados Unidos. Essa interação contribuiu para o esclarecimento e difusão das ideias de Donald Trump; como os estudantes tiveram acesso a visões e informações sobre o candidato, que não eram facilmente encontradas na grande mídia.

Um exemplo brasileiro é Anna Paula Hankel, que produz vídeos para o YouTube analisando o estado político do Brasil e do mundo. Sua crescente influência nas redes foi fundamental para seu trabalho no programa "Os Pingos nos Is" na Jovem Pan, e para a criação da Revista Oeste. As redes sociais, além de proporcionarem um espaço para os políticos criarem comunidades, possibilitam novas abordagens jornalísticas, ampliando o conteúdo disponível para o público. Com o tempo, isso passou a afetar a escolha eleitoral, antes restrita à mídia dominante e paga.

Fica claro, portanto, que o advento das redes sociais revolucionou a forma como obtemos informações, permitindo que as ideias dos mais diversos candidatos cheguem à população diretamente e sem distorções. Com isso, houve a libertação do monopólio da grande imprensa, que detinha o poder de criar e destruir personagens políticos. Assim, vemos a importância que as redes sociais representam para o exercício da livre escolha política.

Trump retoma a presidência e promete transformar o cenário global

A posse do novo presidente americano marca o início de uma nova era de políticas rígidas, desafios climáticos e disputas comerciais no cenário internacional e nacional.

ARTHUR CORRÊA MUNCH
MATHEUS CASTELI LEITE

As eleições nos Estados Unidos de 2024 foram fortemente marcadas pela polarização e polemização causada pelos candidatos de destaque, Kamala Harris e Donald Trump, resultando em uma das eleições mais disputadas da história do país. Mesmo com uma intensa disputa entre os candidatos, o representante do Partido Republicano ganhou as eleições e assumiu novamente o cargo de presidente em 2025. A posse de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos marca um ponto de virada na política americana e global. Após uma campanha



(*Reprodução: David Dee Delgado/Reuters*)

na qual foi utilizado o polêmico slogan "*America First*", Trump assume com uma agenda que visa alterar dinâmicas econômicas, políticas e diplomáticas de longo alcance. Essa série de eventos terá consequências de grande escala ao redor do mundo, devido à forte influência do país nas relações internacionais.

Em sua nova agenda, o político enfatiza o setor econômico. Suas propostas incluem tarifas agressivas sobre importações, especialmente da China, incentivando a produção interna e a centralização dos meios de produção. No entanto, essa ação pode aquecer disputas comerciais e causar distúrbios nas cadeias globais de suprimentos. Em paralelo, nações emergentes, como Brasil e Índia, estão particularmente atentas aos efeitos que serão causados pelas ações propostas, pois essas tarifas podem redirecionar produtos de outros países para seus mercados, aumentando a concorrência local. No interior dos EUA, essas políticas têm o potencial de beneficiar os setores de manufatura e energia tradicional, porém também podem ter fortes impactos em indústrias que necessitam do comércio globalizado.

Outro foco da nova administração será o enrijecimento de políticas migratórias. A construção do muro na fronteira com o México e o reforço de barreiras legais contra a imigração são propostas que devem ser retomadas pelo governo. Esses planos são reconhecidos por sua controvérsia, dividindo opiniões de dentro e fora do país: grupos de defesa dos direitos humanos criticam o impacto das medidas, considerando os refugiados que se encontram em uma situação de vulnerabilidade, enquanto apoiadores de Trump argumentam que tais medidas são necessárias para proteger a soberania e a segurança nacional.

Outro tema que vem sendo polemizado em relação ao seu primeiro mandato é a reclusão dos EUA do Acordo de Paris e o constante apoio à indústria de combustíveis fósseis. Seu retorno à presidência levanta preocupações sobre retrocessos na agenda climática global, em específico no contexto atual em que o mundo está buscando a transição para fontes de energia renováveis. Em contrapartida, sua administração pode priorizar incentivos a tecnologias de captura de gás carbônico e projetos de infraestrutura tradicional, centralizando a economia sob o petróleo e o gás.

Internamente, a posse de Trump reflete uma América dividida. Enquanto ele retoma o apoio de grande parte dos estados republicanos, os democratas permanecem críticos à sua abordagem confrontacional. A polarização política exacerbada ao redor de questões como aborto, direitos LGBTQIAP+ e controle de armas devem continuar moldando o setor legislativo e social do país. Observadores políticos apontam que, mesmo com o controle republicano no país, Trump ainda enfrenta fortes obstáculos e desafios para implementar sua agenda, em parte, devido à forte resistência de moderados dentro de seu próprio partido.

A volta de Trump à política representa, portanto, um divisor de águas, não apenas em escala nacional, mas também internacional, afetando o globo como um todo. Suas ações nos anos que estão por vir determinarão o equilíbrio do poder global e as perspectivas econômicas e políticas dependerão da capacidade de implementá-las e também da reação do público e de líderes do mundo inteiro em relação às suas medidas.

O mundo está em uma situação instável, algo que pode ser claramente observado nos múltiplos conflitos que estão despontando em diferentes regiões do globo. Um desses conflitos, muito relacionado à posse de Trump, é a guerra na Ucrânia. O presidente do país, Zelensky, afirma que a guerra acabará mais "rápido" na presidência de Trump. De acordo com a CNN, há uma grande chance de a Ucrânia perder uma quantidade significativa de apoio dos EUA. Isso pode ser observado nas fortes dúvidas impostas na defesa de Kiev durante

sua campanha. O fim do apoio militar dos EUA vai complicar a situação econômica internacional para a Europa, que certamente teria que acumular mais dívidas e pagar mais para continuar mandando apoio à Ucrânia.

O Brasil também será afetado pelo resultado das eleições. O professor de relações internacionais Tanguy Baghdadi previu, em entrevista ao G1, que, pelo estilo de liderança de Trump no passado, ele se relaciona mais fortemente com líderes que têm valores parecidos aos dele. Portanto, a estimativa é que Trump mantenha os acordos por respeito mútuo, mas que a relação do Brasil e dos Estados Unidos não se fortaleça muito até uma troca de liderança. Isso pode ser observado na ideia de que Trump tem vários aspectos em comum, especialmente no discurso, com o ex-presidente Jair Bolsonaro.

Em suma, os resultados das eleições dos EUA trazem várias mudanças e consequências que podem ser interpretadas de maneiras tanto positivas quanto negativas para o mundo, dependendo do ponto de vista. Contudo, fica claro que as políticas de Trump estarão muito mais voltadas a melhorar as condições dos EUA do que a acrescentar benefícios para o nível internacional.

Promessas vazias, eleitores enganados e cortes para internet: as eleições atuais

Em um Brasil dividido politicamente e dotado de uma população com fragilidade de instrução, o surgimento dos chamados "Odoricos", figura retratada na peça teatral *O Bem-Amado*, é inevitável.

GABRIEL PEDROTI RODRIGUES

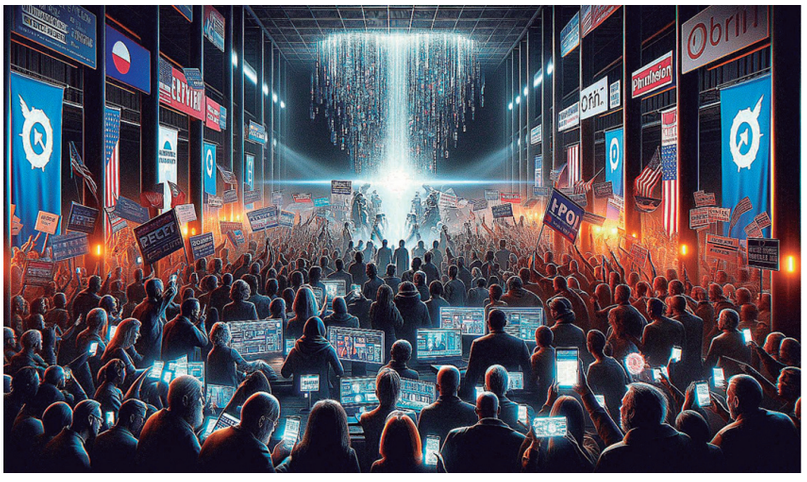
Introdução

No campo da política do Brasil atual, não é incomum nos depararmos com promessas inalcançáveis, narrativas forjadas e pessoas enganadas. Tal cenário é muito bem ilustrado na obra de Dias Gomes, *O Bem-Amado*, que retrata com precisão a realidade das eleições e, ainda, se mantém bastante atual. Na peça teatral, é apresentado, de maneira cômica, uma figura intrigante: Odorico Paraguaçu. Ele utiliza diversas estratégias para manipular não somente seus opositores, mas também seus apoiadores, muitas vezes mobilizando-os através de discursos populistas e polarizantes. Essas figuras existem no mundo real; entretanto, diferentemente da época retratada, hoje em dia possuem um meio poderoso para disseminar suas mensagens: as mídias sociais.

Eleições Atuais

Nas últimas eleições, pudemos observar o desenrolar do efeito das inovações tecnológicas sobre as relações sociais e culturais de nosso país, como, por exemplo, na constante presença online da maioria dos candidatos. Muitos são levados a pensar que os chamados "cortes" renovaram a maneira de fazer campanhas políticas em nosso país; contudo, se analisarmos a maneira "antiga", perceberemos que esses apenas acentuaram certos comportamentos, tanto dos eleitores quanto dos candidatos. Na obra literária anteriormente mencionada, uma das dinâmicas políticas mais

destacadas foi a subserviência da viabilidade da mensagem em relação ao seu apelo ao público. Tal fato é potencializado pelo formato de vídeos curtos presente nas mídias sociais mais populares, nos quais a sonoridade e a aparência do que é dito é mais importante do que as informações apresentadas.



(Reprodução: Imagem criada por AI Picture Generator e qualidade melhorada por Image Upscaler and Enhancer)

As "lacradas"

Um dos termos mais conhecidos internet afora para tal fenômeno é a "lacrada". Ela ocorre, geralmente, em um clipe de no máximo cinco minutos e é predominantemente editado de maneira que a figura central seja retratada como muito superior na argumentação contra seu rival político. Embora tenha inerente a si um viés mais conservador, ela simboliza muito bem o que candidatos de ambos os lados almejam com a produção desses vídeos. O alarmante, em relação a isso, é que uma considerável parcela dos eleitores baseia e atribui a sua confiança em certos candidatos, primariamente, em razão do que assistem nesses vídeos – e os candidatos sabem disso. Tomemos, por exemplo, a corrida à prefeitura de São Paulo em 2024: era evidente a presença de um discurso apelativo, que promovia o imediatismo e partia de ambas as partes, como podemos perceber nas propostas irrealistas de candidatos muito populares. Dessa forma, é inegável a paralelidade do comportamento dos candidatos e do protagonista da obra, que, comicamente, ao lançar sua campanha política, utiliza de um discurso apelativo ao apontar a ausência de um cemitério na cidade e a sua indispensável função, e, após ser eleito, sofre com a falta de mortos na cidade.

Modus operandi

A estratégia dessas figuras é simples: escolher uma dor popular para fazer frente e associar-se a uma narrativa já estruturada no imaginário das pessoas. Por isso, é importante não nos deixarmos cegar por lentes de quaisquer ideologias. Precisamos tomar nota não das inúmeras e vistosas mensagens dos candidatos, mas sim de suas ações concretas e como estas impactam o nosso cotidiano de nós eleitores. Outro aspecto importante é a "memória curta" dos eleitores, o que leva a um cenário em que a perversão de valores frente ao que é melhor para si é imensa. Uma vez que os candidatos, diversas vezes, não são responsabilizados por suas falas, eles promovem mensagens inconsequentes.

Conclusão

Portanto, uma inferência importante, muitas vezes despercebida, que pode ser feita na maioria dos casos, oriunda das observações anteriores, é a inerente insignificância prática das contas de figuras políticas nas redes sociais, quando vistas de forma isolada. Uma vez que o que é dito é esquecido e boa parte do que é mostrado é manipulado – de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral, notícias falsas circulam 70% mais rápido que as verdadeiras –, resta simplesmente buscar fontes o mais imparciais possível, analisar as atitudes tomadas e realizar uma análise crítica e cronológica de suas falas. Observando que grande parte dos meios de manipulação de massas atuais é vista desde a antiguidade, e, pode-se dizer que é praticamente inerente à democracia, tomemos como exemplo os sofistas na Grécia, que pregavam a soberania do convencimento em seus discursos, conclui-se que o tempo só fez com que essas estratégias adquirissem novos meios de propagação.

Entre poucos altos e vários baixos

Volatilidade e cautela: uma análise dos riscos e retornos dos investimentos na bolsa brasileira em um cenário de instabilidade política.

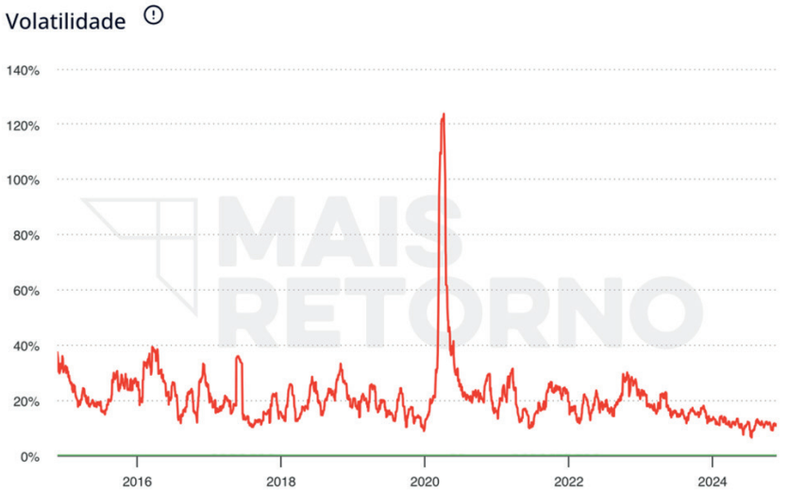
MARCO DE AZEVEDO PIZZATO

Nos últimos 200 anos, investidores do mundo inteiro têm aplicado seu dinheiro nas mais diversas oportunidades, na expectativa de ganhar mais do que foi aportado. Um dos meios mais comuns de investir seu capital é a bolsa de valores. Na lista das maiores bolsas de valores do mundo, em termos de capital empregado, estão as de países como Estados Unidos, China, Japão, Inglaterra, entre outros, liderando o ranking. O Brasil se encontra na vigésima colocação dessa lista, atrás de países como Irã, Taiwan e África do Sul, entre outros (VISUAL CAPITALIST, 2024). Um dado como esse chama a atenção, especialmente quando se considera que o Brasil é a 11ª maior economia do mundo. O motivo para essa colocação baixa, porém, é muito simples: não faz sentido investir na Bolsa de Valores brasileira por uma série de fatores que serão listados neste artigo.

Retornos não justificados

Por mais que os retornos históricos do IBOVESPA (Índice das empresas listadas na B3) não sejam assustadoramente ruins, após considerar fatores como volatilidade e investimentos alternativos, não investir na Bolsa se torna a decisão lógica. Fazendo uma comparação da rentabilidade do índice IBOV com a rentabilidade do CDI nos últimos cinco anos (25/11/2019 até 21/11/2024), o CDI supera o IBOVESPA com uma rentabilidade de 50,05%, comparada aos 16,77% do IBOVESPA. Abrindo a janela de comparação para dez anos (24/11/2014 até 21/11/2024), o CDI ainda sai na frente, com uma rentabilidade no período de 141,72%, comparada aos 127,07% do IBOVESPA. Por mais que a diferença na rentabilidade de ambos os ativos seja notavelmente alta, o que é alarmante é a diferença na volatilidade entre eles.

Como visto na imagem, a comparação entre a volatilidade de ambos os ativos mostra uma discrepância monumental entre o IBOVESPA e o CDI, com o IBOVESPA sendo mais volátil que o CDI em todo o período. Para ser mais exato, nesse intervalo de tempo, o IBOVESPA apresentou uma volatilidade de 32,3%, enquanto o CDI apresentou uma de 0,61%. Isso significa que, nesse período, o IBOVESPA foi aproximadamente 50 vezes mais volátil que o CDI. Se os retornos do IBOVESPA fossem significativamente maiores que os apresentados pelo CDI, essa imensa volatilidade seria justificada; porém, este não é o caso. Bons



(Reprodução: Site Mais Retorno)

exemplos de comparação são os Estados Unidos e o Japão, que, devido ao seu cenário político e econômico, têm uma bolsa de valores bem mais rentável que a renda fixa em seus países.

Instabilidade Política e Econômica

Um argumento que pode ser feito é que, em certos períodos na história recente do país, o desempenho da bolsa é muito superior ao do CDI; porém, após esses altos, sempre vêm baixos, muito devido à instabilidade política no país. Isso afeta negativamente a Bolsa de Valores brasileira, ao instalar incerteza econômica e corroer a confiança dos investidores. Quando há crise política – desde escândalos de corrupção até a incerteza sobre a continuidade da política econômica, por exemplo –, os investidores tendem a recuar com seus recursos ou a adiar novos investimentos, procurando melhores condições em outros mercados mais estáveis. Um exemplo claro disso aconteceu durante o período de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2015, quando o índice da IBOVESPA registrou quedas relevantes após instabilidade política e falta de previsibilidade das ações futuras do governo. O Brasil, comparado a outras economias, sofre desproporcionalmente com episódios de instabilidade política, muito em razão da recorrência e gravidade desses episódios no país.

Conclusão

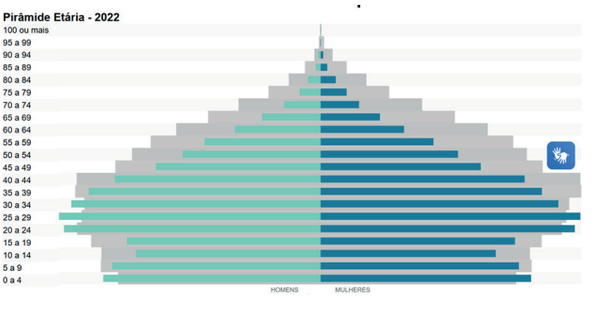
Em conclusão, apesar dos retornos históricos razoáveis da Bolsa de Valores brasileira, ela é menos atrativa do que opções mais seguras, como o CDI, devido à alta volatilidade do IBOVESPA e à instabilidade política e econômica do Brasil. Isso contribui para a falta de confiança dos investidores e a migração de capital para mercados mais estáveis, refletindo a necessidade de um ambiente mais previsível e seguro para tornar os investimentos no mercado de ações nacional mais vantajosos.

Sinop: a capital do “Nortão”

Sinop está entre os 200 municípios que mais cresceram segundo o Censo de 2022. Mas, como um município situado na borda da Amazônia cresceu tão rapidamente?

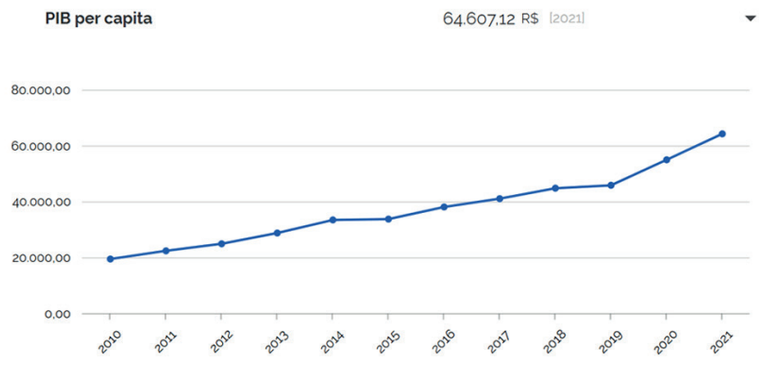
ANTÔNIO MAISONNAVE CISNEROS

Sinop, cidade localizada no estado de Mato Grosso, foi fundada no ano de 1974 como resultado da política de ocupação da Amazônia Legal Brasileira. Sendo situada ao norte de Cuiabá e ao sul do estado vizinho do Pará, Sinop atua como um polo regional para o transporte comercial doméstico. Embora Sinop venha crescendo nos últimos trinta a quarenta anos, o município enfrenta seus desafios, como a necessidade de um planejamento sustentável para a cidade e de melhorias na qualidade de vida. Com o crescimento de várias cidades brasileiras nos últimos anos, a cidade de Sinop é incluída neste grupo por conta de



sua população extremamente jovem, tendo um PIB alto para uma cidade tão nova, e por ser uma via para o agronegócio crescer internacionalmente.

Sinop é uma cidade onde muitas pessoas vão para começar a vida. Isso é evidente pelo Censo do



IBGE de 2022, incluído embaixo. O pico populacional cai entre os 25 e 29 anos na pirâmide etária. Comparativamente, a população da cidade nas faixas etárias de 20 a 24 anos e de 30 a 34 anos, continua extremamente alta. Contudo, isso demonstra que Sinop é uma cidade recheada de pessoas muito jovens, trazendo um grande potencial de crescimento e desenvolvimento do município. Em 50 anos, é compreensível ver o crescimento da cidade em todas as áreas. Outros dados do Censo mostram que Sinop teve uma taxa de crescimento, em 12 anos, de 73%, passando de uma população de 113.099 habitantes em 2010 e 196.067 em 2022. Contudo, a cidade tem um grande potencial somente com a gigante população jovem e trabalhadora.

Embora seja uma cidade nova, Sinop teve um aumento astronômico em seu PIB per capita. Conforme os dados do IBGE, apresentados no gráfico abaixo, observa-se o crescimento do PIB per capita entre 2010 e 2021. Em somente seis anos, ele aumentou de R$ 33.807,26 em 2014 para R$ 55.310,33 em 2020. O notável crescimento econômico de Sinop pode ser atribuído a diversos fatores, incluindo o agronegócio e o desenvolvimento de empresas na região. Além da forte agroindústria e agronegócio, a Prefeitura de Sinop mostra que o município tem estrutura para desenvolver empresas. Em 2022, 5.676 empresas foram abertas e outras 3.984 MEIs (Micro Empreendedores Individuais) foram inscritas em busca da autonomia profissional. O crescimento dos empreendedores é tão rápido que somente no primeiro semestre de 2023, já haviam sido registradas 3.828 empresas e outras 2.796 MEIs. No total, de quantidade de empresas no município aumentou em 150% em 10 anos, de 2014 a 2024. A sincronia entre uma população jovem e o dinheiro resulta em um crescimento exponencial acelerado, e Sinop é um grande exemplo disso. Dessa forma, o resultado é um município que não para de crescer.

O agronegócio é a parte principal da região Centro-Oeste brasileira. Sinop contém uma contribuição alta para esse negócio. Segundo a Prefeitura de Sinop, o volume gerado pelo agro chega ao valor de 640,9 milhões de dólares, ou 3,1 bilhões de reais em exportações. Esse valor contribui a 6,3% do total do Estado mato-grossense, garantindo a Sinop a terceira posição no ranking de cidades que mais vendem produtos internacionalmente.

O agronegócio continua trazendo várias oportunidades a Sinop e sua região, com várias empresas americanas e chinesas construindo fábricas ao redor dos municípios mato-grossenses. Por conta desse interesse chinês, 46% dos produtos são vendidos para eles, seguido pela Espanha, com 6,6%, e pelo México e a Holanda, empatados com 4,9%. Assim, o agronegócio é o principal motivo de Sinop e das cidades ao seu redor conseguirem evoluir.

Em conclusão, Sinop vem crescendo rapidamente devido à sua população jovem e ao aumento do PIB per capita. Adicionalmente, o número de novas empresas tem crescido impulsionado pelo forte agronegócio na região Centro-Oeste. Porém, Sinop ainda tem seus desafios pela frente. Por exemplo, a qualidade da vida tem que melhorar de acordo com que está acontecendo na cidade. Por isso, a sua prefeitura deve ter um planejamento sustentável para sua população e sua cidade continuar a crescer e para atrair pessoas de outros estados ou do exterior.

O desenvolvimento do *Committee of Public Information* durante a primeira guerra mundial

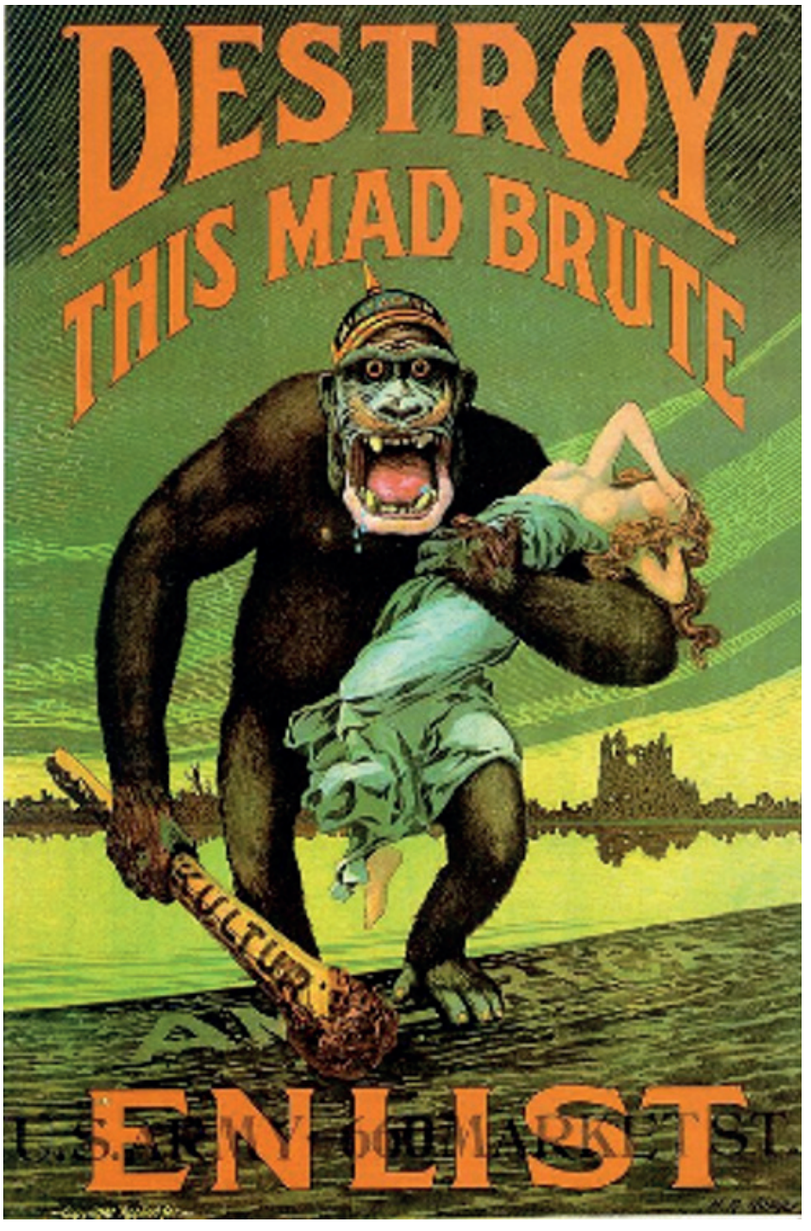
Propaganda e Censura: O Papel do *Committee of Public Information* na Manipulação da Opinião Pública Durante a Primeira Guerra Mundial

ISABELA LIMA WIEDEMANN

Durante a Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos da América desenvolveram o CPI, um comitê especial com o objetivo de manipular a população americana para que apoiasse a guerra, criando um senso de nacionalismo. O *Committee of Public Information*, estabelecido em 1917, tinha como propósito convencer o público do esforço de guerra e dos motivos dos Aliados. O povo precisava ser convencido da necessidade da guerra, pois tinha votado no presidente Woodrow Wilson por ele tê-los mantido fora de conflitos durante seu primeiro mandato; porém em 1917, o país se juntou ao combate. É importante destacar que, simultaneamente ao CPI, os Atos de Sedição e Espionagem foram aprovados (atos que censuraram falas contra a guerra), criando uma censura de informações pelo governo, que publicava apenas sua propaganda.

No decorrer da guerra, a propaganda é uma ferramenta crucial para unir a população, especialmente quando é necessário o agrupamento de soldados para lutar pelo país. O CPI teve sucesso apenas em espalhar valores americanos, como o patriotismo e a unidade ao esforço de guerra, nacional e internacionalmente. Um exemplo notável seria o *Four Minute Men*, uma causa que uniu, com sucesso, todos os tipos de americanos. Inicialmente, eles abordaram a população em cinemas. Posteriormente, em outros locais, para apoiar medidas de guerra, incluindo as campanhas *Liberty Loan*. Mais de 75.000 cidadãos — homens, mulheres e crianças — participaram do programa *Four Minute Men*, e estima-se que até 400 milhões de ouvintes, em cinemas, sindicatos, igrejas, parques e outros fóruns públicos escutaram seus discursos curtos e cuidadosamente selecionados (Neumann, 2009). Embora os discursos fossem principalmente em inglês, grupos étnicos foram alcançados em seus idiomas. Essa estratégia uniu com sucesso todos os tipos de americanos em uma única causa.

O imbróglio do comitê estava em sua manipulação das informações para o público. O presidente da CPI declarou: “Nosso esforço foi educacional e informativo do começo ao fim, pois tínhamos tanta confiança em nosso caso que sentimos que nenhum outro argumento era necessário além da apresentação simples e direta dos fatos.” (Creel, 1920). No entanto, a propaganda sob o CPI, havia se tornado tão corrupta quanto o controle e a influência desenvolvidos pelos alemães durante o mesmo período, culminando na disseminação de informações falsas pelo governo. Um exemplo seria, no início de 1918, quando um anúncio prematuro foi feito, no qual “os primeiros aviões de batalha construídos pelos americanos estão hoje a



(Um cartaz de propaganda anti-alemã do Exército dos EUA durante a Primeira Guerra Mundial)

caminho da frente na França" (Fleeming, 2003). No entanto, descobriu-se que essa informação era inverídica: havia apenas um avião, que ainda estava em fase de testes. Adicionalmente, tensões desnecessárias e hostilidade contra cidadãos germano-americanos foram geradas como consequência da propaganda da CPI. Esta retratava os alemães como animais brutos, criando uma linha tênue entre o ódio ao Estado alemão e ao povo. Essa pavorosa campanha inspirou, futuramente, a estratégia de divulgação política do nazismo.

Atualmente, é possível analisar uma manipulação de informações ocorrendo de uma maneira diferenciada. No Brasil, por exemplo, as grandes mídias recebem verba pública. Entre 2023 e 2024, a Rede Globo recebeu 177,2 milhões de reais em publicidade do governo federal por meio da Secretaria de Comunicação. Assim, as publicações dessas mídias têm um viés pró-governamental devido ao financiamento que recebem. Em janeiro de 2024, o deputado Nikolas Ferreira criticou algumas ações do governo, entre elas o monitoramento do PIX pela Receita Federal para quem realizasse transferências a partir de 5 mil reais. No dia seguinte à publicação, as grandes emissoras estavam criticando o vídeo, acusando-o de fake news. O problema dessas acusações era que as próprias emissoras estavam divulgando notícias falsas sobre o vídeo de Nikolas, acusando-o de afirmar que o PIX seria taxado, entre outras acusações falsas, trazendo uma narrativa pró monitoramento por parte do governo.

Suas senhas estão em perigo (e você talvez não saiba disso)

A computação quântica coloca em perigo métodos de encriptação comuns e muito utilizados pelas grandes empresas de tecnologia, em uma velocidade alarmante.

GABRIEL PEDROTI RODRIGUES
THIAGO ABENSUR



(*Reprodução: IARE*)

A computação quântica, ciência que mistura a mecânica quântica com programação, foi iniciada na metade do século XX, por Richard Feynman, e, atualmente, ameaça a segurança digital. De acordo com o jornalista Leon Adelstein, "isso os torna (computadores quânticos) muito mais rápidos e poderosos do que os computadores clássicos, mas também representa uma ameaça significativa aos métodos atuais de criação de senhas". As novas máquinas acrescentaram um leque de fragilidades a ser aproveitado por usuários mal-intencionados e, portanto, colocam os atuais *softwares* e sistemas de cibersegurança em xeque.

Aprovada em 2018, a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais protege as senhas e os dados pessoais dos usuários brasileiros. Além disso, há também outro mecanismo muito importante para a garantia da privacidade das pessoas. O jornal digital de tecnologia *RTC Privacidade e Segurança* estatal constata que "Não podemos falar em LGPD no Brasil sem observarmos o Marco Legal da Internet (Lei n 12.965 de 2014). Ambas andam em conjunto, uma vez que o Marco Legal da Internet traz princípios, garantias, direitos e deveres aos usuários

da internet, além de sancionar a função regulatória do Estado da sociedade em rede". Entretanto, o avanço tecnológico coloca em risco a integridade desses protocolos, pois os cibercriminosos estão criando novas maneiras de invadir sistemas digitais. Com aumento de usos de tecnologias, como a IA, armazenamento de dados online e dispositivos conectados, tornam-se mais desafiadoras a proteção de dados e a garantia de privacidade das pessoas.

No ano de 2024 ocorreu o maior vazamento de senhas da história: o *RockYou2024*. De acordo com o site *McAfee*, um nome muito conhecido no setor, inclusive por seu antivírus, 9,9 bilhões de senhas foram divulgadas, "O *RockYou2024* não é apenas um vazamento; é uma coleção gigantesca de 9.948.575.739 de senhas que podem afetar milhões de usuários em todo o mundo".

Esse evento marca um ponto crítico na segurança cibernética, ressaltando o ritmo implacável com que as ameaças digitais estão evoluindo. Portanto, conclui-se que o avanço dos meios de quebra de encriptação não é apenas inegável, como também praticamente inevitável em nosso cenário.

Conforme o tempo passa, novas ferramentas, ainda mais potentes do que as agora existentes, representam uma nova forma de burlar os sistemas vigentes de proteção de dados. As ferramentas utilizadas atualmente usufruem de duas formas de encriptação: a *Rivest-Shamir-Adleman* (RSA), um método de criptografia que protege informações online através da fatoração do produto de dois números primos de grandes dimensões (em torno de 100 dígitos); e a *Elliptic Curve Cryptography* (ECC), que também é um método de proteger dados e cria chaves públicas e privadas através de um tipo de encriptação que utiliza como base a estrutura algébrica de curvas elípticas. Ambas dependem de um tipo de resolução que computadores normais têm dificuldade de resolver.

Entretanto, um novo método chamado *Shor's Algorithm* utiliza justamente um algoritmo que resolve as formas de encriptação citadas anteriormente e, assim, faz com que os computadores quânticos sejam mais rápidos do que os computadores normais, cuja encriptação é usada para proteger diversos tipos de senhas, inclusive as de banco. Isso torna mais sensível a privacidade e segurança das senhas e, por conseguinte, aumenta as chances de invasões de contas.

A solução que as grandes empresas de cibersegurança desenvolveram e estão aprimorando trata-se de uma criptografia resistente à computação quântica, que oferece uma certa proteção contra computadores quânticos. Mais especificamente, elas se chamam *Shortest Vector Problem* (SVP), em português, "problema do vetor menor", e *Learning With Errors* (LWE), "aprendendo com erros". Elas se tratam, respectivamente, de um sistema que utiliza o menor vetor entre números, que, nesse caso, representam a menor distância entre informações específicas em uma rede de encriptação; e de outra organização sistemática que usa grades de pontos no espaço multidimensional para corrigir erros e fragilidades na criptografia.

Por isso, é importante mantermo-nos informados, pois a segurança digital é um tema a ser sempre priorizado. A ideia de que a Teoria Quântica constitui apenas uma esfera da física está altamente ultrapassada, e isso é consenso entre os grandes nomes da tecnologia. Fernando Shinoske, jornalista da revista SCIELO, afirma que "é imediato reconhecer que a Teoria Quântica excede uma mecânica – ou uma teoria da evolução espaço-temporal de sistemas físicos – quando é examinada com o conceito de informação."

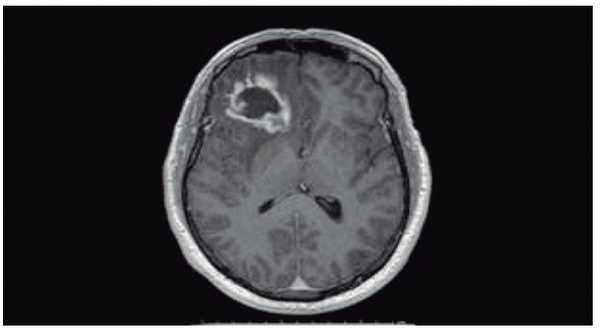
Atualmente, o futuro da cibersegurança e dos meios de conter essa pandemia de vazamento de dados ainda se mostram incertos para delimitarmos uma única solução. Ele depende muito da criatividade dos desenvolvedores e de inovações que, talvez, agora possam parecer não ter correlação alguma com o meio. Entretanto, em meio a tal incerteza, faz-se estritamente necessário que, no caso de almejarmos a segurança digital, nos mantenhamos atualizados e vigilantes diante das novas ameaças e seus respectivos meios de proteção, bem como sua imprescindível utilização.

Hidrogel: a cura para o câncer cerebral?

Nova tecnologia, um gel à base de água que carrega produtos químicos por meio de injeção, mostra resultados promissores no tratamento de câncer cerebral em camundongos.

ENZO VALAR AGOSTINI
ROBERTO GUIMARÃES CONCLI DA SILVA

Uma pesquisa recente na Universidade de Johns Hopkins (EUA) detalha resultados do uso de uma tecnologia nova, o hidrogel, no tratamento de câncer cerebral de camundongos. Honggang Cui, o engenheiro biomolecular que liderou a pesquisa, diz que: "Achamos que este hidrogel será o futuro e complementará os tratamentos atuais para o câncer cerebral." Cui trabalha há mais de 14 anos na Johns Hopkins, e cita, como objetivo principal do seu laboratório, construir nanomateriais moles funcionais que possam interagir especificamente com células de interesse. Esse longo trabalho finalmente deu frutos promissores quando, em abril de 2023, sua pesquisa foi oficialmente lançada na revista *Pnas*.



(Reprodução: Gerard Toussaint, Texas A&M Health Science Center)

O Perigo do Câncer Cerebral

Após o diagnóstico do câncer cerebral, a expectativa de vida para um adulto no Brasil é de 15 a 16 meses, com uma taxa de sobrevivência (após 5 anos) de apenas 20%. Isso significa que somente 20 em cada 100 pessoas vão estar vivas cinco anos após serem "curadas" do câncer, evidenciando a urgente necessidade de novas tecnologias para combater esse tipo de doença. Além dos efeitos físicos causados pelos glioblastomas, o câncer traz muitas preocupações para a saúde mental do paciente.

A Conduta e os Resultados

O experimento usou camundongos femininos de oito e dez semanas de idade. Todos os camundongos receberam uma cirurgia inicial para implantação de um tumor cultivado artificialmente. Seis dias após a cirurgia inicial, os camundongos receberam dosagens de hidrogel. Dois dias após estas aplicações, metade dos camundongos recebeu uma cirurgia para a retirada dos tumores. Todos os camundongos continuaram sob monitoramento por 80 dias.

Os resultados finais foram extremamente promissores para os camundongos que passaram pela cirurgia após a dosagem inicial de hidrogel: após 80 dias, nenhum tumor foi detectado nos camundongos. Ou seja, 100% dos camundongos sobreviveram a longo prazo. Por outro lado, os camundongos que não receberam uma cirurgia após a dosagem inicial tiveram resultados mais misturados: 50% deles sobreviveram a longo prazo.

O que é o Hidrogel?

O hidrogel é um tipo de material biocompatível, que significa que ele não é prejudicial ao tecido humano ou de outros seres vivos, e flexível,

constituído por uma rede de polímeros. Com sua construção nanobiológica, consegue reter grandes quantidades de água, deixando-o similar a tecidos biológicos, isto é, grupos de células que possuem funções semelhantes.

No tratamento de glioblastomas, o hidrogel mostra-se uma substância inovadora e promissora. Neste contexto, ele atua na liberação controlada de medicamentos, como ciclofosfamida, taxanos (Docetaxel e Paclitaxel), gencitabina e vinorelbina, utilizados na quimioterapia branca. A liberação do medicamento diretamente no local do tumor permite mais precisão e segurança no tratamento dessas doenças, pois prolonga o contato do fármaco com as células cancerígenas, diminuindo as chances da volta do câncer.

Outro benefício da liberação diretamente na área afetada é a redução de danos e efeitos colaterais. Isto, além de aumentar a eficácia do tratamento, aumenta a segurança do paciente, já que "A quimioterapia causa [...] diminuição na contagem de glóbulos no sangue, provocando anemia e um risco maior de infecção", conforme o Dr. Robert Peter Gale. O motivo para isso é que, em uma seção ou tratamento com métodos comuns de quimioterapia, não apenas as células cancerígenas são afetadas, mas também as saudáveis, causando esses efeitos colaterais.

Além disso, o hidrogel também é útil após o término do tratamento contra o câncer. Com ele, é possível restaurar os tecidos afetados pelo tratamento quimioterápico, devido às suas propriedades previamente mencionadas de absorção de líquidos.

A Promessa do Hidrogel

Uma taxa de sucesso de 100% estabelece a ideia de que o hidrogel é extremamente eficaz e que será utilizado com humanos em breve. Porém, existem muitos pontos que contrariam essa ideia. O primeiro é que o tipo de tumor artificial usado na pesquisa nem sempre representa tumores verdadeiros de forma precisa. Uma pesquisadora espanhola do Instituto de Saúde Carlos III, Pilar Sánchez-Gómez, aponta que o glioblastoma utilizado na pesquisa tem sido criticado por não representar a interação biológica entre tumores e células imunitárias fielmente.



Uma imagem mostrando o hidrogel usado na pesquisa sendo injetado na água. (Reprodução: Johns Hopkins University)

Outro ponto que pode ser levantado é que os resultados não podem dizer muito sobre o hidrogel em si, porque não se pode discernir "quanto do efeito antitumoral se deve à presença do agente (o hidrogel) e quanto se deve à ativação da resposta imune", de acordo com Pilar Sánchez-Gómez. Este é o caso porque essa resposta imune é inseparável da aplicação do hidrogel no cenário desta pesquisa. Mesmo assim, podemos ter esperança de que, com mais pesquisa sobre o hidrogel, eventualmente chegaremos a um produto final que possa, definitivamente, ser a "cura do câncer."

A epidemia da dopamina

Quando o prazer se torna prisão: os vícios modernos que atormentam a sociedade.

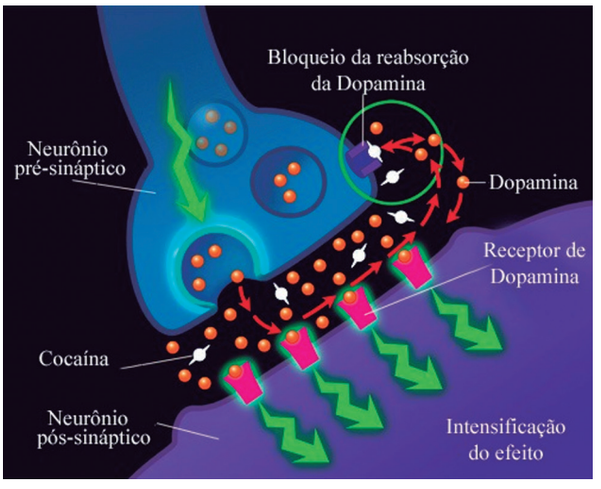
ENZO VALAR AGOSTINI

Entre 2008 e 2024, muitos problemas globais surgiram, os quais definiram os focos e as metas a serem atingidos pelas próximas gerações. Em 2024, quase todos reconhecem que o aquecimento global é um problema tangível que afeta todos; alguns anos antes, não era o caso. Contudo, existe um problema que sutilmente cresceu nestes últimos anos, que poucos reconhecem, e que pode um dia tornar-se mais problemático do que a crise climática global: a chamada crise da dopamina.

Entre 2010 e 2020, poucos sabiam da existência desse problema, mesmo quando os afetava. Porém, durante a pandemia, o consumo geral de substâncias estimulantes e prazerosas cresceu imensamente, o que deixou mais clara a situação: o vício generalizado em coisas como as mídias sociais, drogas psicoativas e pornografia estava causando um pico global de depressão. Todas essas atividades têm em comum os efeitos cerebrais do sobre-estímulo e exaustão da dopamina. Se não for abordado, este pode ser o maior problema da geração Z.

O que é a dopamina?

A dopamina é um neurotransmissor associado a sentimentos positivos, funcionando como um sistema de recompensa para reforçar ações benéficas à sobrevivência. Ao comer, por exemplo, o cérebro libera dopamina para associarmos a comida à energia. O excesso é reabsorvido para manter o equilíbrio e conservar o aprendizado. Drogas como a cocaína bloqueiam essa reabsorção, sobrecarregando os receptores e causando euforia. Com o tempo, os receptores se adaptam e passam a exigir mais dopamina, reduzindo o prazer em atividades comuns.



(*Reprodução: Brunno Câmara*)

As formas variadas do abuso da dopamina

Mesmo que aqueles que abusam da cocaína representem apenas uma fração da população, existem outros vícios que têm efeitos parecidos e que atingem uma quantidade muito maior de pessoas. Um dos mais comuns é o vício em vídeo de curto duração.

Obviamente, os efeitos de aplicativos como o TikTok e o Instagram não se comparam com os efeitos da cocaína. Ainda assim, existem semelhanças entre esses vícios. A estimulação constante proporcionada por esses aplicativos não sobrecarrega os receptores de uma vez, como a cocaína, mas não os deixa "descansar". Quando os receptores se acostumam ao fluxo constante de dopamina, qualquer atividade que requeira paciência ou que interrompa esse fluxo de dopamina perde qualquer diversão. É por isso que existe uma população de jovens hoje que não consegue assistir a um filme inteiro.

Outros vícios variam em seus efeitos específicos no cérebro humano, como o vício em bebidas alcoólicas e o vício em pornografia, mas quase todos os vícios comuns têm efeitos semelhantes aos da cocaína ou das mídias sociais. Alguns desses vícios também podem afetar outros neurotransmissores, como a serotonina, de forma semelhante.

A importância do problema

O verdadeiro problema surge quando observamos as consequências do vício em dopamina. O desregulamento de níveis de dopamina está relacionado a várias doenças mentais, como a ansiedade e a depressão (Dellwo, 2024). Além disso, hoje em dia, as maiores causas de suicídio são o vício e as doenças mentais (NIH, 2023). Por isso, é possível que o vício e o desregulamento da dopamina possam ser dois dos principais intensificadores da taxa de suicídio anual, que chegou a mais de 700 mil em 2024 (WHO, 2024). O que torna ainda mais evidente que a crise da dopamina está intensificando esse problema é que o grupo mais vulnerável em termos de automutilação no Brasil são aqueles entre 10 e 24 anos de idade, a faixa etária em que alguém é mais propenso a desenvolver um vício (Sebastião, 2024).

Mundialmente, a taxa de mortalidade por conta do suicídio está aumentando sem sinais de parar, em parte por conta dos vícios modernos. Mesmo que você não se sinta afetado por essa crise de dopamina, alguma pessoa próxima a você pode estar lidando com o vício e, possivelmente, com pensamentos suicidas como consequência disso. Por isso, é muito importante todos reconhecerem a magnitude desse problema, para que possamos começar a trabalhar em soluções concretas e aplicáveis no mundo todo.



Rede de prevenção de suicídio instalada no Golden Gate Bridge, San Francisco (Reprodução: abc7news)

Ética na edição genética: um limite necessário?

Novas tecnologias com o poder de alterar fatores genéticos no DNA, como o CRISPR, colocam em dúvida a ética na criação de "bebês de design".

ARTHUR CORREA MUNCH

A edição genética era algo que pensávamos somente como um conceito futurista. Porém, hoje em dia, percebe-se que não só essas ideias são alcançáveis, como também trazem uma série de implicações futuras. Tem que haver um limite para edições genéticas com o crescimento da indústria e tecnologia no futuro. São tratamentos extremamente novos e potencialmente perigosos, que somente deveriam ser usados em casos extremos, relacionados à sobrevivência ou à qualidade de vida. Não devemos usar essa tecnologia, futuramente, para criação de "bebês de design."

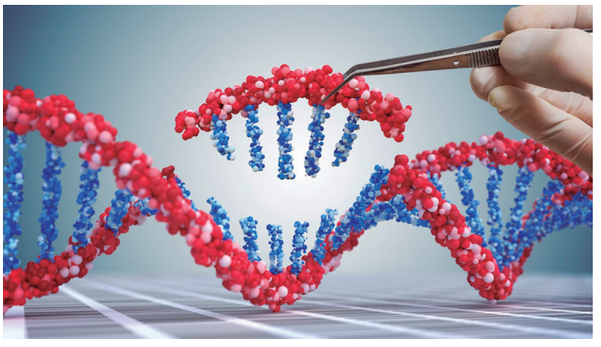
A tecnologia mais usada e conhecida hoje para edição genética é a CRISPR (Repetições Palindrô-

micas Curtas Agrupadas e Regularmente Interespaçadas). O que ela faz é criar um guia de RNA para direcionar a enzima CAS9 (enzima que corta o DNA) para qualquer lugar ou gene dentro de um organismo. Isso significa que os cientistas podem desativar um gene indesejado ou até inserir novos trechos de DNA no corpo humano, com a CAS9 agindo como uma tesoura molecular. Embora o uso de CRISPR ainda esteja bastante limitado, já se pode observar as possibilidades e implicações futuras que isso inegavelmente vai trazer. Pesquisadores já conseguiram adaptaram o sistema natural da CRISPR para editar genes em qualquer organismo, não só em plantas, mas também no corpo humano.

É inegável que tem que haver algum limite. A CRISPR pode ajudar a criar imunidade para algumas doenças, porém ela também pode levar a sérios problemas na sociedade. Um dos maiores problemas e riscos que se especula neste campo é a criação de "bebês projetados". Já que a CRISPR, em teoria, pode mudar qualquer coisa no corpo humano, seria possível editar um ser humano como um personagem de videogame. E, embora isso pareça ser vantajoso, percebe-se um risco alto.

Em projeções genéticas que não envolvem vida ou morte, há vários riscos. Por exemplo, na edição genética existem cortes errados, em que uma parte do DNA necessária é cortada por erro. Isso pode causar mutações genéticas imprevisíveis ao longo do tempo. Além disso, como muita edição genética, perde-se a biodiversidade genética, o que significa que há muito mais chance de sermos extinguidos por uma pandemia. Na COVID-19, por exemplo, se todos os seres humanos fossem exatamente iguais ou extremamente parecidos, seria muito mais difícil sobreviver como espécie.

Além disso, também há várias questões éticas que devem ser levadas em conta na edição genética, como, por exemplo, a criação de ainda mais desigualdade social. Começando com o fato de que a edição genética com a CRISPR é algo extremamente caro. Apenas países ricos e uma elite financeira teriam acesso a isso. Haveria uma grande chance de uma classe ser não só economicamente superior, como também ser considerada "geneticamente superior". Da mesma forma, quem puder pagar



(Reprodução: BBC News Brasil)

poderá aumentar a sua expectativa de vida, enquanto pessoas com menos poder aquisitivo continuarão com suas doenças genéticas, o que trará uma diversidade muito alta na expectativa de vida – algo que pode causar uma tremenda desestabilidade social. Outro ponto, é que a edição genética pode criar seres humanos que são mais fortes e rápidos. Isso criará uma desigualdade gigantesca no mercado de trabalho.

Uma questão ética que é observada é o consentimento. Em casos de vida ou morte, é claro que isso não deve ser considerado; porém, quando uma criança que ainda não nasceu ainda tem seu DNA alterado, ela não pode dar consentimento a essas mudanças genéticas, o que levanta um debate ético sobre a questão.

Um dos pontos mais importantes no uso contínuo e avançando de alterações genéticas é o seu possível uso como uma bioarma, que poderia ser facilmente usada para exterminar um grupo específico de pessoas, baseado no seu DNA. A tecnologia pode ser usada de forma maliciosa para criar um vírus geneticamente modificado. Isso pode causar várias repercussões no futuro. Por exemplo, as mortes causadas por alterações de DNA são muito mais sofridas do que mortes comuns, e podem ser especificamente direcionadas a pessoas com um certo perfil de DNA. Isso é um perigo enorme que deve ser evitado a todo custo para o bem de toda a humanidade.

Em conclusão, modificações genéticas podem ser boas para a medicina, pois há a possibilidade de curar várias doenças que hoje não têm cura. Porém, devemos ter muita cautela ao manusear esta nova ferramenta.

Austrália impõe controle nas redes sociais: proibição para menores de 16 anos

Projeto de lei que proíbe o acesso de menores de 16 anos às redes sociais promete uma transformação na saúde física e mental de jovens.

MATHEUS CASTELI LEITE

No dia 28 de novembro de 2024, na Austrália, foi aprovada a proposta que proíbe o acesso às redes sociais por menores de 16 anos. A nova lei exige que as plataformas confirmem a idade dos usuários por meio de sistemas de verificação, como reconhecimento facial e validação de documentos oficiais. A lei permite que menores acessem as plataformas apenas com a permissão dos pais, sob um limite rigoroso de tempo de uso. Essa medida tem a intenção de combater diversos malefícios causados ao desenvolvimento de crianças e adolescentes, como o cyberbullying, a dependência digital e os múltiplos impactos na saúde mental e física do indivíduo.

Para implementar a legislação, o governo nacional cuidadosamente planejou a sua implementação com especialistas em tecnologia e segurança digital. O sistema inclui ferramentas como o reconhecimento facial com IA, que tem alta precisão na identificação dos usuários. Para assegurar a privacidade da população, os dados coletados precisam ser armazenados de forma criptografada, não podendo ser utilizados para fins comerciais. Em paralelo, foram estabelecidas multas severas para empresas que descumprirem as exigências, criando assim maior responsabilidade empresarial.



(Reprodução: Matt Cardy/Getty Images via CNN Newsource)

Desde sua implementação, estão sendo observados os primeiros resultados, mesmo com o tempo ainda limitado de aplicação. Pesquisas iniciais indicam que o tempo de uso das redes por jovens diminuiu consideravelmente, juntamente com aumentos na demanda por atividades offline. Mais de 72% dos jovens passaram a substituir o tempo antes utilizado pelo celular por exercícios físicos, o que terá fortes avanços na saúde mental dos jovens e no melhor desenvolvimento dos aspectos físicos e mentais dos adolescentes, devido à forte redução do sedentarismo e ao melhor controle de seus sistemas de recompensa.

Atualmente, estamos imersos em um ambiente tecnológico de extrema importância e relevância na sociedade moderna, que nos ajuda com a comunicação e na praticidade de múltiplas tarefas do cotidiano. Porém, à medida que as empresas responsáveis pela gestão das plataformas têm priorizado o lucro mais do que o bem-estar da audiência movi-

mentada, temos presenciado um *boom* no tempo de uso do celular pela população levando a múltiplas consequências negativas na saúde e bem-estar dos indivíduos. Principalmente em crianças e adolescentes, devido a seu estado de neuroplasticidade, o que os faz mais propensos à adicção ou dependência de aparelhos, sendo assim, os que mais sofrem com os impactos devido à sua vulnerabilidade.

Concordo que é necessário que sejam aplicadas regulamentações rigorosas na aplicação das redes sociais, bem como que ocorra uma demarcação de como o público infantojuvenil deve ser diferenciado em cada escopo das redes, para proporcionar um ambiente saudável para os jovens, que estão em uma fase de extrema importância na moldagem de seus pensamentos críticos e formação da parte lógica do cérebro. Enfatizando, também, o contexto socioeconômico de cada nação e a não exclusão de públicos específicos.

Embora muitos ainda desconfiam do sistema de coleta de dados, assim como da verificação de documentos oficiais e do reconhecimento facial com IA, devido a possíveis debilidades do novo sistema, que poderiam potencialmente comprometer a privacidade dos usuários e excluir famílias que não possuem documentos acessíveis ou familiaridade coma tecnologia. A revisão e o forte investimento na adaptabilidade do sistema, à medida que o projeto se desenvolve nos próximos meses, promete encontrar soluções para possíveis erros e falhas de um novo sistema sendo aplicado. Essas irregularidades não devem ofuscar o propósito e a aplicação da ideia, devido à forte relevância desses projetos no escopo socioeconômico de uma comunidade. Projetos como esse devem receber apoio da população e se adaptar à medida de suas demandas ao longo de sua implementação.

Em conclusão, a iniciativa do país da Oceania deve ser vista como exemplo por outros países, que deveriam, por sua vez, discutir sobre o tema aplicando medidas similares de acordo com seus contextos diversificados, assim como o Brasil e a França, que já aplicaram medidas similares com a proibição de celulares no âmbito escolar, conhecida como "pausa digital", considerando a privacidade e inclusão de suas populações devido à necessidade de mudança no sistema atualmente proporcionado, que vêm causando consequências negativas multifacetadas para as crianças e adolescentes.

Alimentos mutantes?

A biotecnologia como ferramenta crucial para um futuro adaptável.

HERNÁN ANDRÉS BELTRÃO SOARES

Em 2019, 93% do milho-verde cultivado no Brasil foi produzido de forma transgênica. Ao decorrer da história, surgiram tecnologias para melhorar as condições de vida, desde ferramentas simples, como lanças, até indústrias altamente industrializadas. Entretanto, essas melhorias vêm trazendo determinado estrago para o planeta em que vivemos, influenciando diretamente a vida das futuras gerações, as quais terão que arcar com essas consequências – principalmente com as mudanças climáticas, que estão impossibilitando a adaptação de determinadas espécies a essas adversidades, levando, assim, à sua extinção e trazendo um prejuízo ainda maior para nós, que estamos vivenciando a perda dessas culturas importantes para o nosso conhecimento e, principalmente, para a nossa saúde.

As mudanças climáticas já estão impactando as produções, em escala global, de alimentos com eventos climáticos extremos, como inundações e secas, resultando assim, na perda e na diminuição de produções. No Centro-Oeste do Brasil, por

exemplo, 28% das áreas utilizadas na produção de milho e soja já não apresentam condições climáticas ideais, resultando na perda dos rendimentos. Sem ações de contramedida, essa porcentagem pode chegar até 70% em 30 anos. Essa perda não é somente uma ameaça à segurança alimentar global, mas também significa uma ameaça à diversidade cultural, abalando certas tradições diretamente relacionadas a culturas de plantio e culinárias. Diante desses desafios, surge a biotecnologia, a qual pode ser usada como uma ferramenta para desenvolver cultivos mais resilientes às transformações climáticas. Essa área da ciência possibilita a aplicação de tecnologias avançadas, como a modificação genética, criando alimentos mais nutritivos, produtivos e adaptáveis, de forma geral, a condições extremas. Mas será mesmo que estamos realmente preparados para encarar essa ideia?



(Reprodução: Site Ci Orgânicos/ 2019)

A biotecnologia surgiu como um meio para conseguir, de certa forma, lidar com esses problemas derivados dessas mudanças e, com o desenvolvimento de variedades geneticamente modificadas, torna-se possível elaborar alimentos que não somente resistam a essas mudanças, mas também colaborem com sua produtividade. Além disso, esse aperfeiçoamento permite o uso mais efetivo dos recursos naturais, reduzindo os impactos ambientais. Assim, a biotecnologia vem para mostrar jeitos mais práticos e sustentáveis para este mercado. Sendo um investimento para o futuro, no Brasil, a biotecnologia vem crescendo significativamente, havendo melhorias nas questões de qualidade, segurança e sustentabilidade, com diversos centros pioneiros para a realização desse avanço científico, mostrando que o nosso país está preparado para um futuro próspero.

Mesmo com esse potencial para um futuro melhor, uma certa preocupação vem crescendo diante desse tópico. Uma certa parte da sociedade acredita que os alimentos geneticamente modificados são “mutantes” e que seriam venenosos para nós, seres humanos. Essa visão sobre o assunto está diretamente relacionada às informações falsas compartilhadas, que limitam o entendimento dessa ciência pelas pessoas, dificultando a aceitação da biotecnologia pela população. Ademais, há uma certa preocupação relacionada quanto ao impacto ambiental desta, uma vez que o uso inadequado desses organismos geneticamente modificados pode contaminar espécies nativas e reduzir a biodiversidade devido a esse mau uso.

Mas, para tranquilizar a população brasileira, o Brasil possui a Lei de Biossegurança, que estabelece normas que regulamentam a questão dos organismos geneticamente modificados e seus derivados. Adicionalmente, é importante que essa regulamentação tenha determinadas instituições para o monitoramento dos riscos e impactos, garantindo que haja um processo mais transparente. Portanto, mesmo com essas medidas de proteção, para evitar esses riscos, é importante estabelecer certas regulamentações, para que a biotecnologia continue sendo usada como uma solução eficaz, equilibrando, assim, a inovação com a responsabilidade.

Conclui-se que a biotecnologia consegue oferecer importantes recursos que colaboram com o enfrentamento dos desafios globais impostos pelas mudanças climáticas, mas seu uso deve ser feito com cuidado e com bastante responsabilidade, para que não seja usado de forma errada. Do mesmo modo que ela consegue trazer a segurança alimentar e auxiliar a preservação dos recursos naturais, deve ser fortemente acompanhada por regulamentações que controlem seu uso e seus riscos. Então, para isso, medidas devem ser feitas pelo governo de modo que haja um equilíbrio entre as inovações, sustentabilidade e controle. Assim, um futuro próspero, onde a tecnologia servirá como uma ligação entre o avanço e a preservação do planeta.

Inteligência Artificial: o futuro ou um perigo invisível?

Devido ao alto consumo de recursos naturais usados no treinamento de modelos de linguagem como GPT-3, será que vale a pena o Brasil investir na criação do seu próprio modelo?

FREDERICO SARAIVA NUNNENKAMP

O treinamento de um grande modelo de IA de linguagem, como o ChatGPT-3, necessita de energia. A demanda elétrica é altíssima para manter um provedor de processamento de dados funcionando ou para armazenar esses dados, que precisam ficar disponíveis para treinar os modelos da ferramenta.

Devido a esse alto consumo de energia, será que vale a pena o Brasil investir em um modelo de inteligência artificial? Por um lado, há desvantagens que poderiam ser um fator decisivo para se não investir em um modelo próprio de inteligência artificial. Por outro lado, com monitoramento e o uso de energia limpa, o investimento em um modelo brasileiro de inteligência artificial colocaria o Brasil em uma posição mais competitiva no mercado internacional. Hoje em dia, por exemplo, há um novo modelo de inteligência artificial chamado DeepSeek, criado na China, que, justamente por ter um custo menor, provavelmente usa menos energia. Como muitos modelos, o DeepSeek consome menos energia quando está inativo, mas, quando o usuário faz perguntas, a demanda de energia aumenta.

Desvantagens

A energia utilizada, na maioria das vezes, não vem de uma fonte sustentável, de acordo com Peter Dauverge, professor da Universidade da Colúmbia Britânica, especialista em política ambiental global, e autor de 21 livros e mais de 80 artigos de periódicos sobre tecnologia e meio ambiente. A IA está agravando o problema do aquecimento global ao consumir energia em grandes quantidades e minerais raros, utilizados na construção de servidores para manter os sistemas operando. O treinamento de um grande modelo de linguagem, como o GPT-3, por exemplo, consome um valor estimado em pouco menos de 1.300 megawatts-hora (MWh) de eletricidade – quase a mesma quantidade de energia consumida anualmente por 130 lares nos EUA. Pensando no Brasil, de acordo com a Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), “em 2022, o consumo total de energia elétrica no Brasil foi de aproximadamente 556 milhões de MWh”. Esse alto consumo de energia é um dos fatores que contribuem para o aumento do aquecimento global, o que, por sua vez, está causando mudanças nos ecossistemas, como chuvas intensas ou secas em lugares onde esses eventos não eram comuns.



(Reprodução: ChatGPT/ Imagem gerada por IA)

Vantagens

Ao mesmo tempo em que a IA pode destruir o planeta ao consumir recursos naturais, os engenheiros de sustentabilidade podem monitorar o consumo de energia dos *data centers* e otimizá-lo. Levando esse monitoramento em consideração, seria interessante o Brasil ter o seu próprio modelo de inteligência artificial. De acordo com Lilian Cintra de Mello, advogada e secretária de Direitos Digitais do Ministério da Justiça e Segurança Pública do governo federal, o Brasil pode ser o primeiro país a implementar um modelo de IA sustentável. Dessa maneira, o Brasil usaria energia limpa produzida localmente para desenvolver IA.

O Brasil deveria investir no desenvolvimento de sua própria inteligência artificial para impulsionar tecnologias nacionais, reduzindo a dependência de outros países. Em um contexto de batalhas digitais, ter um sistema próprio fortalece a segurança nacional e beneficia o governo. Embora a IA exija alto consumo de energia, uma solução viável seria o uso de fontes renováveis, reduzindo os impactos ambientais. O país já é mundialmente reconhecido por seu uso de energia limpa, especialmente pela geração em hidrelétricas, que representam entre 60% e 65% da eletricidade nacional. Além disso, 85% da energia elétrica brasileira provém de fontes renováveis, incluindo energia eólica (12% a 15%), solar (5%) e biomassa (8%). Dessa forma, a criação de uma IA nacional sustentável não apenas garantiria independência tecnológica, mas também posicionaria o Brasil como referência global no uso de energia renovável para a inovação tecnológica.

Quando ídolos viram réus: a atuação da justiça fora do campo

Análise de ações e acusações criminosas de jogadores de futebol.

LUIS FERNANDO COSTA ESTIMA SOBRINHO
MARCO ANTONIO MARTHA EICK

Recentemente, as notícias polêmicas de ídolos do futebol surgem com frequência fora de campo, e acusações como violência doméstica, *doping* e estupro têm sido recorrentes. Isso acaba afetando a carreira, as percepções e a vida destes profissionais, pois é importante analisar cada caso em profundidade, com o máximo de informações disponíveis para fazer um julgamento mais preciso.

A fanatização pode cegar as pessoas que idolatram estrelas e, quando um caso controverso e polêmico vem a público, torna-se muito difícil de ser imparcial. Independentemente de inocência ou culpa, fica um alerta para a importância de uma investigação justa e imparcial e para o impacto duradouro que as acusações públicas podem ter na vida de todas as partes envolvidas. Exemplos disso são os casos de Paul Pogba, Mason Greenwood e Cristiano Ronaldo.

Paul Pogba: talento, controvérsia e *doping*

Pogba, um dos maiores talentos do futebol moderno francês, já conquistou importantes títulos, incluindo a Copa do Mundo de 2018 pela seleção francesa e diversas taças em clubes como Juventus e Manchester United. Sua trajetória foi recentemente abalada por uma controvérsia envolvendo *doping*, isto é, uso de substâncias que melhoram artificialmente o desempenho físico, muitas vezes por meio de anabolizantes como testosterona sintética, substância proibida pela Agência Mun-

dial Antidoping (WADA). Pogba testou positivo para testosterona em agosto de 2023, em um exame realizado após a partida entre Udinese e Juventus, válida pela primeira rodada do Campeonato Italiano.



(Reprodução: Placar.com.br e Goal.com)

De acordo com o jornal italiano *Gazzetta dello Sport*, a substância teria sido ingerida por meio de um suplemento alimentar adquirido nos Estados Unidos, supostamente recomendado por um médico amigo do jogador. O julgamento teve consequências: a Agência Nacional Antidoping da Itália suspendeu Pogba por quatro anos, praticamente encerrando sua carreira no auge. Após disputas legais e novas evidências apresentadas ao Tribunal Arbitral do Esporte (TAS), a pena foi reduzida para 18 meses, baseada em argumentos de que o jogador não tinha plena ciência da composição do suplemento. Com isso, ele poderá voltar a jogar em março de 2025, e, desta forma, terá a possibilidade de recuperar sua carreira e reputação.

Mason Greenwood: fama, violência e investigação

Mason Greenwood, jogador de futebol inglês criado na base do Manchester United, se destacou conquistando a admiração de torcedores e especialistas. No entanto, sua carreira sofreu uma reviravolta dramática. Em janeiro de 2022, ele foi acusado de violência doméstica e estupro, após sua então namorada, Harriet Robinson, compartilhar imagens e áudios chocantes em suas redes sociais. Os conteúdos sugeriam que ela havia sofrido abusos físicos e emocionais pelo jogador.

A denúncia gerou indignação pública e uma resposta imediata do Manchester United, que suspendeu Greenwood enquanto as investigações ocorriam. O jogador foi preso e aguardou a decisão judicial. Em fevereiro de 2023, a promotoria anunciou o encerramento das acusações devido à retirada de cooperação por parte de testemunhas-chave e à apresentação de novas evidências que, segundo as autoridades, enfraquecem o caso contra Greenwood. O conteúdo dessas evidências permanece confidencial, e a decisão resultou na libertação do atleta. Apesar de estar livre legalmente, o Manchester United enfrentou forte pressão da opinião pública e de patrocinadores, levando a uma decisão de que Greenwood não jogaria mais pelo time. Ele foi transferido para o clube espanhol Getafe, onde busca reconstruir sua imagem e carreira no futebol. Este caso destaca questões complexas que envolvem responsabilidade pública, decisões não transparentes ao público, julgamento antecipado, ética e conduta pessoal.

Daniel Alves: reputação, justiça e violência sexual

Daniel Alves, brasileiro, um dos jogadores mais vitoriosos da história do futebol, com passagens por Barcelona, Juventus e Paris Saint-Germain, foi preso em janeiro de 2023, acusado de agressão sexual contra uma mulher em uma boate em Barcelona. A vítima alegou que o jogador a forçou a atos sexuais em um banheiro do local. Inicialmente, Daniel negou o ocorrido, mas mudanças em seus depoimentos geraram desconfiança.

O caso ganhou grande repercussão na mídia internacional, levando patrocinadores e clubes a romperem laços com o jogador. Atualmente, ele aguarda julgamento em prisão preventiva na Espanha, com sua defesa alegando consentimento mútuo. Caso seja condenado, Daniel pode enfrentar uma pena significativa, o que pode levar ao fim de sua carreira esportiva. O caso não apenas abala sua reputação, mas também expõe os desafios de lidar com acusações graves no auge de sua trajetória esportiva.

Os casos de Pogba, Greenwood e Daniel Alves ilustram como a vida fora dos campos pode impactar a imagem e a carreira de atletas. Eles também destacam a importância de investigações imparciais, responsabilidade pública e a necessidade de equilibrar talento esportivo com ética e comportamento pessoal.

O esporte internacional na cultura local

A influência crescente das ligas internacionais na cultura esportiva brasileira e o impacto na valorização do esporte local.

MATEUS DE CERQUEIRA LIMA KOCH
PEDRO MÜSSNICH ROHENKOHL
FREDERICO SARAIVA NUNNENKAMP

Nos últimos anos, o esporte brasileiro vem mudando rapidamente, junto com sua cultura. O futebol sempre foi grande parte da cultura brasileira, mas a cultura esportiva brasileira se estende a muito mais do que isso. Esportes como basquete, futebol americano, beisebol e hóquei têm pouco investimento local, mas ainda assim interessam o público brasileiro. Isso cria um mercado para as ligas esportivas do exterior. Ligas como a *National Football League* (NFL), *Major League Baseball* (MLB), *National Basketball Association* (NBA) e ligas de futebol europeias são transmitidas diariamente no nosso país, com grande audiência.

Em entrevista à CNN, o presidente da NBA no Brasil, Rodrigo Vicentini, afirma que, no ano de 2020, existiam 41 milhões de fãs da NBA no país, com esse número só aumentando. Isso faz do Brasil o terceiro país que mais assiste à liga, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da China, que têm uma população consideravelmente maior. Nos últimos anos, vemos uma clara influência do exterior na cultura esportiva brasileira, como o consumo de ligas internacionais e atletas estrangeiros vindo praticar esportes em nosso país.

NFL no Brasil

Um dos exemplos mais claros de influência externa na cultura esportiva brasileira pode ser visto na NFL, a principal liga de futebol americano dos EUA. A NFL sempre teve audiência no Brasil, com esse número crescendo muito nos últimos anos. Até temos um jogador brasileiro na liga: Cairo Santos, *kicker* do time do Chicago Bears. Desde 2007, a NFL vem realizando jogos em países sem ser os EUA, começando pelo Reino Unido, com o objetivo de espalhar a cultura do esporte internacionalmente. Além dos *London Games*, a NFL teve jogos no México, na Alemanha e no Brasil, e já anunciou que, futuramente, terá jogos na Espanha.

Pela primeira vez na história, um jogo da NFL foi sediado no Brasil. Esse evento movimentou centenas de pessoas de todo o país e também do exterior. O jogo aconteceu no dia 6 de setembro de 2024, na NeoQuímica Arena, estádio do Corinthians, clube paulista atualmente na primeira divisão do futebol brasileiro. A partida entre os Green Bay Packers e os Philadelphia Eagles contou com 50 mil pessoas presentes no estádio, movimentando valores superiores a 300 milhões de reais.

Durante esse evento, a NFL tentou replicar a experiência dos jogos como são nos EUA, com churrascos pré-jogo ao redor do estádio e atrações, como o *Quarterback Challenge,* no qual os torcedores podem tentar acertar alvos com bolas de futebol americano, além de salas VIP para torcedores de cada time, com diferentes atrações. Tudo isso teve a intenção de "capturar" o público brasileiro com uma experiência memorável, incentivando o consumo da liga ao público brasileiro. De acordo com IBOPE Repucom, desde 2014 houve um crescimento de mais de 310% no número de fãs do esporte norte-americano aqui no Brasil.

NBA no Brasil

Nos últimos anos, a NBA vem crescendo em popularidade drasticamente no Brasil. O basquete sempre foi um esporte popular por aqui, com a NBB (Novo Basquete Brasil) tendo uma boa audiência e investimento. Como dito previamente, existem, no mínimo, 41 milhões de fãs da NBA no Brasil. Esse dado é de 2020, o que sugere um provável aumento desse número. Isso pode ser observado com a abertura do *NBA Park,* em Gramado, na Serra Gaúcha, um parque temático da NBA com várias atrações ligadas à liga. O curioso é que só existe um NBA Park no mundo, e ele foi instalado especificamente no Brasil. Isso mostra claramente que existe algum interesse dos EUA em trazer a cultura estadunidense para o esporte brasileiro.



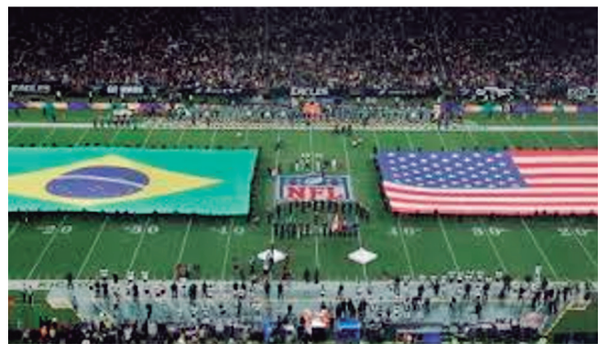
(Reprodução: MelhoresDestinos/Daniel Batista)

Influência no Brasileirão

A influência do exterior na cultura esportiva pode também ser vista no Campeonato Brasileiro. O "Brasileirão" conta com uma quantidade impressionante de jogadores que atuaram no continente europeu, considerado por muitos o ápice do futebol de clubes. Por exemplo, Memphis Depay, do Corinthians, participou das últimas três Copas do Mundo pela seleção da Holanda. Além disso, Depay teve passagens pelo Manchester United, da Inglaterra, Barcelona, da Espanha, e Lyon, da França. Ele é somente um exemplo dos vários jogadores atuando no Brasil que tiveram uma carreira de sucesso na Europa.

A influência europeia é percebida principalmente na mentalidade dos atletas. Além do uso de várias táticas desenvolvidas no futebol europeu, existe uma ideia implantada na cabeça dos jogadores de que a Europa deve ser o objetivo de suas carreiras. Muitos jovens atletas jogam pouquíssimos jogos no Brasil e já são vendidos para o exterior, aceitando a proposta sem pensar duas vezes. Jogadores como Endrick, que foi vendido ao Real Madrid com 16 anos; Martinelli, que foi vendido do Ituano, time da Série C, para o Arsenal, da Inglaterra; e Raphinha, que nem sequer atuou profissionalmente no Brasil, são exemplos disso. Os jogadores jovens hoje jogam para ir à Europa, pois foi criada uma cultura de que o futebol é melhor lá.

Em conclusão, países do exterior possuem uma grande influência sobre a cultura esportiva brasileira. Seja nas nossas próprias ligas ou na introdução a novos esportes, é inegável essa influência no Brasil, e ela possui aspectos tanto positivos quanto negativos. A introdução a novos esportes aumenta as possibilidades de entretenimento do brasileiro no dia a dia, mas a cultura de achar que tudo no exterior é melhor tira o valor do esporte nacional, que é altamente qualificado.



(Reprodução: Terra/Karen Fontes)

Touchdown: a chegada do futebol americano ao Brasil

Um esporte ignorado por muitos no Brasil vem crescendo em popularidade, tornando-se atração principal em época de alta e parando cidades.

ROBERTO GUIMARÃES CONCLI DA SILVA

O futebol americano vem crescendo exponencialmente no Brasil durante os últimos anos. O esporte, desconsiderado anteriormente, vem conquistando o cenário nacional com ligas, times e torneios internacionais. Uma base de fãs crescente mostra, cada vez mais, a mudança positiva da popularidade do esporte no país. Além disso, a integração da NFL no Brasil estabelece uma forte conexão do país com os Estados Unidos, fortalecendo ainda mais o esporte no cenário nacional.

O futebol americano

O futebol americano surgiu nos Estados Unidos no final do século XIX, com inspiração no rugby e no futebol dos europeus. Grande parte disso foi possível devido a um homem chamado Walter Camp, nomeado "pai do futebol americano". Ele foi fundamental na criação das regras modernas do esporte, em vigor até hoje. A NFL (*National Football League)*, a liga norte-americana do esporte, foi criada em 1920 a partir da liga anterior American Professional Football Association. Apesar disto, a NFL só passou a ser a única grande liga do esporte nos EUA a partir de 1970, quando houve a junção da AFL com a NFL.

Hoje em dia, a NFL é a principal liga do esporte no mundo com duas conferencias, a Conferência Americana (AFC) e a Conferência Nacional (NFC). Com a junção, os times da AFL passaram a ser os times da AFC e os times da NFL passaram a ser os times da NFC, criando a liga que conhecemos hoje.

Liga BFA

A Liga Brasil de Futebol Americano (Liga BFA) é a principal competição de futebol americano no Brasil. Criada em 2017, atualmente a liga conta com 21 equipes de todas as regiões, mais predominantemente da região Nordeste.

A história da Liga é um pouco complicada. O futebol americano no Brasil começou com a Liga Brasileira, que era organizada pela LBFA, tendo somente duas edições (2010 e 2011). Já em 2012, a Liga Brasileira passou a ser chamada de Campeonato Brasileiro, organizado pela Confederação Brasileira de Futebol Americano (CBFA). Dois anos depois, em 2014, a CBFA criou a Superliga Nacional, uma liga distinta da Confederação Brasileira, que, em 2016, foram unificas em uma só, formando o maior campeonato nacional do esporte na época, composto por 31 times.

Um ano depois, em 2017, foi criada a Liga BFA. Ela passou a organizar os times em duas subligas diferentes, a Elite e a Acesso; comparáveis à Série A e B do futebol brasileiro. Houve uma pausa devido à pandemia em 2020, retomando em 2022.

Iniciativas locais

No Rio Grande do Sul, temos alguns times que se destacam. Um deles é o Porto Alegre *Pumpkins*. Criada em 2005, a equipe é uma das mais tradicionais e pioneiras do esporte no país, muito reconhecida pelo papel que teve no desenvolvimento do esporte no estado, foi a primeira a atuar em competições nacionais. Outra equipe de destaque no estado é o Santa Maria *Soldiers*, criada um pou-

co depois, em 2012. Esta é uma das equipes mais fortes do país no esporte, sendo, hoje em dia, a mais forte do estado.

Atualmente, as duas equipes atuam em divisões diferentes da Liga BFA. O Porto Alegre Pumpkins joga na "Liga BFA - Acesso"; já o Santa Maria Soldiers joga na "Liga BFA - Elite".

NFL no Brasil

Além da ascensão da prática do esporte no Brasil, vemos um crescimento substancial em relação à NFL. Segundo a *Northeast Wisconsin*, uma agência de notícias norte-americana, o Brasil tem 38 milhões de pessoas que acompanham a NFL, o segundo maior público da competição fora dos EUA, atrás somente do México.

A NFL tem uma pequena ramificação chamada de *NFL Internacional Series*, na qual jogos acontecem fora dos Estados Unidos, servindo como uma maneira de promover o esporte. Existem subséries dentro da NFLIS desde 2024, que são: *London Games,* em Londres, Reino Unido; *Germany Games,* em diversas cidades na Alemanha; *Madrid Games,* em Madrid, Espanha; e, agora, *Brazil Games,* que teve sua primeira edição em 2024 na Neo Química Arena em São Paulo. Os americanos já confirmam o retorno em 2025 para mais um jogo.

Concluindo, o crescimento da NFL no Brasil é irrefreável, à medida que o público brasileiro demonstra um crescente interesse pelo tema. Ainda que o esporte seja novo no Brasil em comparação aos Estados Unidos, isso não impossibilita o interesse do brasileiro pelo esporte. Portanto, o cenário atual se mostra promissor para os amantes do futebol americano no Brasil.



(Reprodução: Karen Fontes)

O Brasil como novo país do basquete:

A influência dos Estados Unidos na popularização do basquete no Brasil.

THIAGO ABENSUR

Recentemente, o Brasil tem crescido em uma área nova de esporte: o basquete. O basquete é um esporte americano com vários atletas conhecidos mundialmente, como Micheal Jordan, LeBron James e Stephen Curry. Em 2020, durante a pandemia, a porcentagem de praticantes do basquete no Brasil era de 2%. Após a pandemia, saltou para 8%. O basquete não era um esporte grande no Brasil, conhecido como o País Do Futebol, tendo vários atletas de alta qualidade, ídolos do futebol e com vários grandes títulos. A NBA viu uma grande oportunidade de mercado no Brasil e trouxe mais jogadores e torcedores interessados no esporte.

NBA no Brasil

A expansão do basquete no Brasil desempenha um papel crítico para a NBA, pois o país tem jo-

vens atletas talentosos e cada vez mais habilidosos. Algumas dessas promessas são Reynan e Gui Santos, que estão entre as grandes promessas do basquete brasileiro. Mesmo assim, o Brasil produz relativamente poucos jogadores para a liga. Esse crescimento é crucial para ampliar bases nacionais no país.

Essas promessas podem ajudar no crescimento do esporte e a motivar brasileiros a ir para o basquete. Uma fonte, a Overtime, criou o "Overtime Brasil" para reconhecer atletas e jovens que estão em desenvolvimento na área do basquete. A NBA viu como pode ser um mercado grande para o esporte, de acordo com Marcos Bomfim, repórter de negócios, "segundo a consultoria Sports Value, com a inclusão de crianças e adolescentes, esse número poderia chegar a mais de 70 milhões de brasileiros", o que mostra como o mercado do basquete está crescendo e trazendo mais promessas para o Brasil, que vêm de São Paulo e do Rio de Janeiro.

História do Basquete no Brasil

O basquete começou no Brasil em 1896, em uma escola de São Paulo chamada Colégio Mackenzie, trazido por um professor americano, Augusto Shaw. Desde que ele introduziu as raízes do basquete no país, o esporte se tornou uma das modalidades mais populares do país. Os primeiros torneios aconteceram no Rio de Janeiro e foram grande sucesso, impulsionado o esporte no Brasil.



(Reprodução: Divulgação)

Depois de vários anos, o elenco do Brasil virou uma força potente em 1987, com uma vitória contra o "Dream Team", que era o time mais forte do mundo. A equipe foi derrotada pelo uma lenda da nossa história, Oscar Schmidt, que trouxe a medalha de Ouro nos jogos Pan-Americanos. Oscar Schmidt nasceu em 1958, em Natal, no Rio Grande do Norte, que não é conhecido como um estado de basquete. Após este jogo contra o "Dream Team", Oscar foi convidado para Hall of Fame, no qual só os melhores dos tempos podem entrar. Ele foi o primeiro jogador brasileiro entra na Hall of Fame.

Nova Era do Basquete no Brasil

O basquete continua crescendo no Brasil. O país se tornará um mercado primário para o crescimento da NBA no mundo, como os jogos da NBA e NBA Park realizados em Gramado demonstram, o que mostra que o basquete está ganhando espaço a cada ano. "Em 2017/2018 foram transmitidos 71 dos 210 jogos da fase de classificação (33,1%). Já na edição 2018/2019 foram 125 transmissões das 182 partidas realizadas na primeira fase (68,6%). Tudo isso com produção das partidas feita pela própria LNB e com uma identidade visual única para todas as transmissões." (LNB).

Esses dados, de anos anteriores, já evidenciavam essa expansão do basquete com a NBB, que é equivalente à NBA no Brasil. Além disso, o esporte cresceu bastante no país e mostrou que tem potencial de público. Apenas para se ter uma ideia, em 2024, mais de 49,2 milhões de brasileiros assistiram aos jogos de basquete pelas plataformas do Grupo Globo (Fonte: Lance), um número que reflete o poder de exposição da modalidade.

O futuro do basquete brasileiro parece promissor, impulsionado por investimentos em infraestrutura e no desenvolvimento de programas de base. O Brasil tem potencial para formar uma nova geração de atletas talentosos uma nova geração de atletas talentosos e cultivar uma cultura de basquete no Brasil.

O futuro do Gigantinho

A tão aguardada reforma do icônico ginásio foi finalmente oficializada pelo Internacional em 2024, trazendo benefícios para o clube, com diversas formas de explorar as novas possibilidades.

PEDRO DE SOUZA WALLAUER



(Reprodução: Hype Studio Arquitetura, 2024)

O tradicional ginásio do Gigantinho passou por momentos conturbados relacionados à sua manutenção, tendo sido interditado por motivos sanitários e de segurança, já que, nos últimos anos, o Internacional, clube que detém seus direitos, não demonstrou prioridade em mantê-lo em condições plenas de uso. Isso se deve, principalmente, ao fato de as finanças do clube estarem em uma situação crítica desde o início do século, devido à má gestão da diretoria. Por conta disso, o ginásio recebe eventos esporadicamente, como a apresentação do atacante equatoriano Enner Valencia, em 2023.

A torcida colorada como um todo, mas principalmente a que acompanha o clube há décadas e viveu uma época gloriosa do Gigantinho — quando era utilizado frequentemente pelo Internacional ULBRA, time de futebol de salão, além de eventos como shows e até visitas religiosas, como a do Papa —, cobrava um posicionamento do clube. Vários projetos foram idealizados para encontrar uma solução definitiva para a revitalização do Gigantinho, mas nenhum foi levado adiante, uma vez que as finanças do clube não permitiam qualquer movimento nesse sentido sem o auxílio de investidores. Até que, em 2024, um projeto animador foi apresentado ao clube, e, no mesmo ano, oficializou-se o

projeto de restauração do Gigantinho.

Essa reforma, se levada adiante, trará muitos benefícios para o clube, tanto no âmbito financeiro quanto no crescimento da marca. O Gigantinho passará a ser um espaço multiuso de ponta, tanto tecnologicamente quanto estruturalmente, algo inédito em Porto Alegre e em toda a região Sul do país.



(*Reprodução: Melhoresdestinos*)

Ainda não existe uma ideia definida quanto à finalidade do ginásio após a reforma, mas, pelo projeto apresentado, abrem-se inúmeras possibilidades. Uma das opções mais populares é a criação de um novo time esportivo afilhado à marca do Internacional, como um time de basquete, futsal ou até mesmo vôlei. Isso porque existe a convicção, entre diversas partes da sociedade, de que uma cidade do tamanho de Porto Alegre certamente pode ter muito mais do que apenas dois times de futebol no mais alto nível de competitividade nacional, deixando de lado todo o potencial existente em outros esportes que atraem um público considerável em outras capitais do país.

O CR Flamengo é um ótimo exemplo de como uma marca criada em torno do futebol pode usar sua popularidade para expandir-se para diversos esportes. Gerando uma receita bruta de R$ 1,37 bilhão no último ano, maior do que qualquer outro clube brasileiro, entre as modalidades, com algumas mais conhecidas como handebol, vôlei, tênis e basquete, e até esportes alternativos, como a bocha. Essa expansão da marca para outros mercados contribui para o crescimento da popularidade do clube em segmentos que não eram muito explorados no Brasil.

O Internacional tem, na revitalização do Gigantinho, uma enorme oportunidade para reinventar-se e expandir-se muito além das fronteiras já exploradas pelo futebol. O clube pode tornar-se poliesportivo e, consequentemente, atrair novos públicos para sua base de sócios. Além disso, poderá contar com a criação de uma grande fonte de receita recorrente, por meio da profissionalização da exploração econômica e comercial do ginásio, trazendo uma nova e importante fonte de renda para o clube como um todo.

Não será somente o Internacional que será beneficiado com esse projeto. Porto Alegre ganha como cidade, seja por meio da arrecadação de impostos, da atração de eventos que, até então, não tinham um espaço ideal para acontecer, ou ainda pelo incremento no turismo na capital dos gaúchos.

É importante mencionar que esse projeto de revitalização do Gigantinho também fará jus ao seu entorno. Após as extensas obras que transformaram os arredores do Estádio Beira-Rio, tornando a região um importante ponto de encontro, de práticas esportivas e em um polo gastronômico, o sucateado ginásio do Internacional passou a destoar, com seu ar de lugar abandonado, em uma área cheia de vida e de espaços restaurados, como a atual Orla do Guaíba. A cidade de Porto Alegre tem muito a ganhar com o novo Gigantinho.

O barco que eleva o Brasil: Mubadala em cena no Sail GP

Com a crescente influência e representatividade Brasileira na vela para o mundo, o Mubadala está dando um grande passo no país para a promoção da prática do esporte à vela.

MATEUS DE CERQUEIRA LIMA KOCH

O Sail GP é uma competição internacional de vela de alto rendimento que reúne equipes que representam diversos países de todo o mundo. Fundada em 2018, a competição utiliza barcos chamados de F50, barcos muito rápidos que atingem velocidades superiores a 100 km/h. As regatas, que são como se chamam as competições, acontecem em várias cidades icônicas do mundo, como Nova Iorque, Rio de Janeiro, São Francisco, Saint-Tropez, entre outras. No ano de 2025, a Baía de Guanabara na cidade do Rio de Janeiro, será uma das 14 etapas. O Sail GP é como se fosse a Fórmula 1 (F1) da vela: uma das competições mais avançadas, competitivas e tecnológicas do cenário moderno da vela. Os barcos do Sail GP são tão tecnológicos que conseguem velejar acima do nível da água devido aos *Foils* que são como asas para um barco, como visto na imagem abaixo.



(Reprodução: MBY)

Na minha opinião, o barco brasileiro tem muito potencial para enfrentar as equipes mais treinadas e experientes de igual para igual em algumas temporadas. Isso devido à grande experiência da tripulação em competições de alto rendimento, como as Olimpíadas, e à experiência com barcos rápidos, que exigem muita atenção e prática.

Sail GP

O Sail GP, na verdade, é uma mistura da F1 e da Copa do Mundo. Cada barco representa uma nacionalidade, não sendo um requisito que todos os tripulantes da embarcação sejam do país que o barco representa. Nova Zelândia, Espanha, Austrália, França, Dinamarca, Reino Unido, Canadá, Estados Unidos, Alemanha, Suíça e, mais recentemente, o Brasil são os 11 países que integram a competição. O Brasil foi o primeiro país da América do Sul a compor a elite do esporte náutico. Após o encerramento de cada etapa, a equipe com mais pontos é eleita a vencedora da etapa. Ao final da temporada, os pontos de todas as etapas são somados para eleger o campeão geral da temporada. Na temporada 2023–2024 a equipe campeã foi a espanhola, liderada por Diego Botín.



(Reprodução: Ge.globo/Instragram/ @mubadasalabrasailgp)

Brasil no Sail GP

O projeto de integração do barco brasileiro vem de algum tempo. O projeto iniciou-se por volta de 2017, quando o patrocinador majoritário do barco brasileiro, Mubadala, enviou uma proposta de entrada no evento. A gestora árabe Mubadala investiu por volta de 6,1 bilhões de dólares e prevê mais 13 bilhões de dólares para os próximos anos (Prudenciano, 2024). O barco brasileiro é composto por cinco atletas e um reserva. Martine Grael, bicampeã olímpica, é a capitã e pilota do Mubadala. Marco Grael e Mateus Isaac, velejadores olímpicos brasileiros, são os *grinders* responsáveis pela função mais física do barco, que é gerar energia para os equipamentos do barco funcionarem. Richard Mason, velejador britânico, tem como função a estratégia do barco. Andy Maloney, velejador neozelandês, é o *flight controller,* uma das posições mais importantes, sendo responsável por manter o barco voando, como visto na foto, que é o estado mais rápido do barco. Leigh Mc Millam, velejador britânico, é o *wing trimmer,* responsável por distribuir a energia gerada pelos *grinders* e ajustar as velas. Kahena Kunze, brasileira e dupla de Martine no bicampeonato olímpico, é a reserva do barco.

Próximos Passos do Mubadala

Acredito que, como o barco brasileiro teve poucos meses para treinar antes da primeira etapa do Sail GP e as outras equipes já estão juntas há várias temporadas, o desenvolvimento da equipe brasileira pode ser muito grande. A equipe integra velejadores estrangeiros que já tem muita experiência com o barco, por isso acredito em uma rápida evolução. Creio que, com a integração do barco brasileiro no Sail GP e com o Rio de Janeiro como um dos lugares onde irão acontecer as etapas, muitos brasileiros a começarão a admirar o esporte. O Brasil, em relação a países do exterior, tem um número muito menor de velejadores pela proporção do nosso país. Conforme a World Sailing, no Brasil há 5.385 atletas ativos e na Itália, 18.386. Com mais brasileiros velejando, o investimento começa a ser maior e a régua sobe cada vez mais, tornando o Brasil competitivo novamente no cenário da vela mundial.

Os Jogadores devem ser responsáveis, dentro de campo, pelo que fazem fora dele?

Devemos ou não deixar que as ações cometidas fora de campo tenham consequências para os jogadores dentro de campo?

MARCO ANTONIO MARTHA EICK

Jogadores de futebol são alguns dos atletas mais conhecidos no mundo. Com o esportes sendo, por uma grande margem, o mais assistidos no mundo, isso atrai muita atenção aos jogadores, tanto dentro quanto fora de campo. Com tanta atenção, surgem muitas críticas, não apenas em relação ao desempenho dos jogadores em campo, mas também sobre suas vidas fora dele. Muitos atletas são punidos no esporte devido a complicações legais, mas isso deveria ser o caso? Os jogadores devem ter consequências em suas carreiras profissionais devido às suas ações fora de campo? Neste artigo de opinião, vou responder a essa pergunta.

Primeiro, vamos falar sobre questões que afetam o desempenho dentro do jogo, como o doping. O doping é algo muito controverso e malvisto no futebol. O uso de substâncias de alta performance, mais especificamente a testosterona sintética, é algo extremamente reprovado e odiado pelo público. Embora um jogador de futebol tenha talento e habilidade para jogar em alto nível, é impossível negar o fato de que a testosterona aumenta significativamente a performance física. Isso é muito claro quando observamos que todos os esportes proíbem essas substâncias devido à melhoria no desempenho. Além disso, estudos mostram que pessoas que utilizam testosterona sintética em altos níveis podem ganhar até 13% mais massa muscular do que a média humana. Por isso, considero impossível negar que o uso dessas substâncias fora de campo deva ter consequências dentro de campo.

Um exemplo de atleta envolvido em doping foi Paul Pogba. Em setembro de 2023, Paul Pogba foi flagrado usando uma substância chamada DHEA, conhecida por aumentar a produção de testosterona de forma significativa. Paul Pogba era um jogador reconhecido mundialmente por sua habilidade em campo. Contudo, após esse incidente, ele foi inicialmente suspenso por quatro anos de jogar futebol profissionalmente. Porém, ao recorrer à Justiça, conseguiu reduzir sua suspensão de quatro anos para dezoito meses, podendo retornar aos campos em 2025.



(*Mason Greenwood no Getafe após ser absolvido.* **Reprodução: Hype Studio** ***Arquitetura, 2024***)

Agora, falando sobre casos legais que não envolvem o desempenho dentro de campo, existem várias controvérsias em que casos legais geram punições esportivas, como os de Daniel Alves ou Mason Greenwood. Mas esses casos devem ter relação com a habilidade do atleta de jogar em campo? Bom, em minha opinião, sim e não. Casos como esses muitas vezes têm consequências dentro de campo antes que o caso legal tenha uma conclusão legal. Por exemplo, Mason Greenwood foi suspenso de jogar futebol durante sua investigação por estupro. E, por mais que possa parecer sempre o certo suspender o jogador, isso nem sempre é verdade.

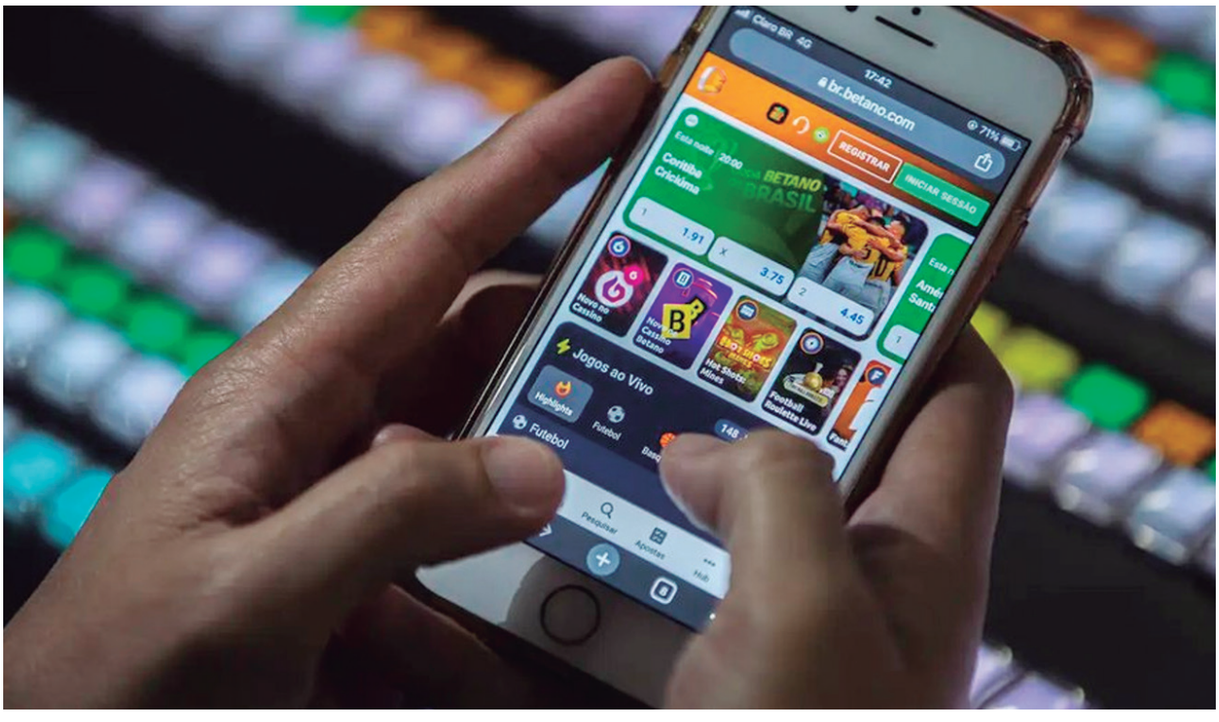
No mesmo caso, Mason Greenwood foi posteriormente declarado inocente e pôde, finalmente, retornar ao futebol. Na minha opinião, não é correto suspender ou até banir um jogador antes do resultado do seu processo legal. Greenwood foi suspenso mesmo sendo, ao fim, inocentado. O correto seria esperar o desfecho do caso para decidir a punição ao jogador.

Em outros casos mais extremos, como homicídios, minha opinião é que deve, sim, haver suspensões antes do resultado legal. Casos de homicídio, na minha visão, são muito mais sérios e devem ser tratados de maneira diferente. Um exemplo disso é o de Bruno Fernandes de Souza. Bruno era um jogador de futebol do Flamengo, que assassinou sua esposa e está preso há dez anos. Esse jogador foi acusado de matar sua companheira e, mesmo assim, continuou jogando no Flamengo. Bruno fazia comentários públicos absurdos, como afirmar que, às vezes, o homem deveria bater na mulher. Enfim, em um caso desses, acredito que a suspensão seja necessária, pois o jogador era de fato um assassino.

O Brasil e o vício de tentar a sorte

Com a promessa de ganhos fáceis, as apostas esportivas cresceram rapidamente no Brasil, que se tornou líder mundial em acessos a sites de apostas, gerando problemas de saúde mental e financeira para milhões de brasileiros.

PEDRO DE SOUZA WALLAUER
MARCO DE AZEVEDO PIZZATO



(Reprodução: Joédson Alves/Agência Brasil)

O Brasil é constantemente visto no topo da lista dos países que têm mais acessos diários a sites de apostas. Isso levantou questionamentos sobre a cultura de jogos de azar no país, em contraste com o fato de que o Brasil não está nem entre os 50 países em rankings como saúde, educação e expectativa de vida. Confira, agora, reflexões acerca do porquê de essa cultura de apostas se estabelecer no país, como ela cresce vertiginosamente e que relação ela tem com os marcadores sociais e culturais presentes em nossa sociedade.

Surgimento

As plataformas de apostas online são um fenômeno relativamente novo no Brasil. No entanto, apostas de outras modalidades fazem parte da cultura brasileira há alguns séculos. A história das apostas tem início nas corridas de cavalos, esporte da elite, em que as apostas se davam informalmente entre frequentadores dos hipódromos. Foi no ano de 1934 que, o então presidente Getúlio Vargas aprovou a lei para legalizar apostas no Brasil, criando a "Era de Ouro" dos cassinos no país. Esse período acabou em 1946, quando a lei do banimento de apostas foi aprovada. Após essa nova

lei ser implementada, a maior mudança no cenário das apostas veio nos anos 90, quando a criação da internet trouxe com ela várias formas mais rápidas e menos regulamentadas para o público apostar. Esse fenômeno foi intensificado mais ainda em 2018, quando o então presidente Michel Temer legalizou as apostas de quota fixa e de loterias, permitindo que casas de apostas online operassem no país.

Por quê?

O ímpeto que o brasileiro tem em apostar online vai muito além do apelo que as plataformas oferecem para atrair novos usuários, pois possui relação com o cenário socioeconômico e cultural desenvolvido ao longo de décadas. De acordo com pesquisas recentes do Nexo Jornal (2024), 51% dos brasileiros utilizam recursos que fazem parte da sua poupança para apostar, e outros 53% apostam somente com o intuito de fazer dinheiro, e não de passar o tempo ou divertir-se. Esses números refletem a cultura de desespero e resignação que muitos brasileiros enfrentam no dia a dia. Esses dados podem ser claramente evidenciados com o número alarmante de beneficiários do Bolsa Família usando os recursos recebidos do governo em apostas online, um valor vultoso de 3 bilhões de reais somente no mês de agosto de 2024 (UOL, 2024). Essa cultura de apostas, especialmente entre pessoas em posições desfavorecidas na sociedade, solidifica o ciclo da pobreza do Brasil, desenvolvendo ainda mais uma cultura de tomada de riscos, fruto da baixa educação financeira e da ausência de perspectiva de futuro.

Problemas

A intensa presença de casas de apostas como patrocinadoras de eventos esportivos e times de futebol reforça sua normalização na cultura popular, atingindo sobretudo as classes sociais mais baixas. As estratégias de marketing das plataformas reforçam a ideia de esperança quando dão visibilidade às histórias dos vencedores, contribuindo para a percepção distorcida de que o sucesso pode ser alcançado rapidamente, num golpe de sorte.

Dentro dessa dinâmica de desespero e falta de horizonte, de um lado, e a promessa de uma possível solução imediata para as mazelas da população, do outro, é que as plataformas de apostas ganham terreno, faturam fortunas e vão perpetuando a cultura do endividamento das populações menos favorecidas. É nesse cenário que nos deparamos com a face mais perversa do negócio de apostas: o público-alvo é o mais vulnerável, e o desejo desesperado de mudar de vida é que o leva a apostar tudo o que tem e o que não tem, dando ensejo a um novo problema que agrava ainda mais a sua situação: a dívida.

Futuro

Uma coisa é certa: a sociedade precisa estar atenta e refletir sobre os rumos que as apostas estão tomando. Mais do que isso, é fundamental cobrar das autoridades medidas reguladoras que protejam a população vulnerável das armadilhas que as chamadas *bets* representam.

Para compreender essa dinâmica complexa, é necessário considerar e analisar minuciosamente diversos aspectos, pois não há um único fator que, isoladamente, explique esse fenômeno social. A compreensão dessa realidade deve abranger fatores históricos, socioeconômicos e culturais. A pobreza e a desigualdade social são, sem dúvida, elementos de grande relevância, culminando na frustração de viver sem oportunidades reais de ascensão. Soma-se a isso, a ausência de uma educação básica de qualidade e, ainda mais, de uma educação financeira.

Além disso, políticas públicas insuficientes para proteger a população e a normalização das apostas, incentivada pelos meios de comunicação, ampliam o problema. Esses fatores criam um terreno fértil, já muito adubado pelas outras modalidades de apostas, que mesmo na ilegalidade estão profundamente inseridas na cultura do brasileiro, ora como uma forma de sonhar com uma realidade diferente, ora como um meio de lazer, que, em muitos casos, pode terminar em vício e endividamento.

A inversão dos papéis culturais

A influência das mídias dos países colonizados sobre a cultura dos colonizadores está gerando descontentamento por parte da população, pelo medo de que a cultura seja esquecida nas futuras gerações.

HERNÁN ANDRÉS BELTRÃO SOARES
MONICA MARIE JONES

Vivenciamos um mundo com diversas tecnologias emergindo em nossa sociedade, decorrentes dos processos de globalização ao longo dos anos. Isso fez com que as informações se propagassem de uma maneira repentina e desenfreada, facilitando a disseminação de influências culturais de um país para outro. Tal fato levanta uma questão fundamental: há uma inversão dos papéis culturais entre países colonizados e colonizadores? Alguns veículos de notícias reportaram que os jovens portugueses, através das mídias como YouTube e TikTok, estão adquirindo "brasileirismos" na língua portuguesa, perdendo alguns dos traços de seu país. Exemplos disso são os casos ocorridos no Reino Unido, com a influência cultural dos Estados Unidos e também no Japão, com a influência da Coreia do Sul.

Brasileirismos em Portugal: Enriquecimento ou prejuízo?

Os jovens de Portugal estão usando mais palavras do português brasileiro devido à sua exposição a conteúdos brasileiros nas mídias sociais. As gerações passadas enfrentaram desafios semelhantes com a influência das novelas importadas do Brasil para Portugal, e a influência das mídias sociais acabou mantendo esse efeito até hoje.

Entretanto, essa influência é vista negativamente pelos "puristas" portugueses, que rejeitam a "deterioração" de seu idioma, temendo que, a partir da exposição dos jovens, a cultura local começará a ser apagada. Essa ideia vem por causa da nova variante de brasileirismos, envolvendo crianças e adolescentes que assistem a *youtubers* brasileiros. Um exemplo disso ocorre nas escolas, onde expressões lusófonas, como *giro*, estão sendo substituídas por brasileirismos, como *bonitinho*.

Há também aqueles que acreditam que isso seja positivo, como Graça Rio-Torto, professora de Linguística da Universidade de Coimbra, que disse que "essas palavras novas enriquecem o léxico dessas crianças e não há mal nenhum nisso". A professora Paula Lourenço concorda: "Essa influência é boa pelos conhecimentos que transmite na área no enriquecimento do vocabulário, da globalização e de conhecer outras culturas".

O problema surge quando as pessoas não sabem mais como usar as expressões adequadas no português brasileiro ou europeu. O que realmente prejudica as crianças é o uso excessivo de telas sem supervisão, pois os pais estão tão ocupados com o trabalho que deixam seus filhos passarem horas na frente da tela sem perceberem como isso os afeta. Com tudo isso em mente, é difícil dizer se essa influência linguística terá futuro ou se é apenas uma moda e seu tempo é limitado, mas é inegável que houve uma inversão dos papéis culturais entre o Brasil e Portugal.

Reino Unido sob o domínio cultural dos EUA

Tornou-se difícil para a Grã-Bretanha sentir-se culturalmente superior aos Estados Unidos, desde que os Estados Unidos ultrapassaram a Grã-Bretanha economicamente no final do sé-



(Reprodução: Maurenilson Freire/D.A Press)

culo XIX. Após a Primeira Guerra Mundial, a Grã-Bretanha estava descontenta, enquanto os Estados Unidos prosperavam e sua música, entretenimento e filmes passaram a ser dominantes no cenário cultural da Grã-Bretanha. A cultura americana estava disseminada até a chegada dos *Beatles*, em 1964, que trouxe uma mudança significativa, com a música britânica passando a liderar nos Estados Unidos, promovendo um intercâmbio cultural entre os dois países que se estende há muitas décadas. No entanto, com o surgimento da tecnologia e das mídias sociais, elementos culturais americanos tornaram-se mais presentes no cotidiano britânico. Isso levanta a questão sobre a possibilidade de recuperação de uma identidade nacional distinta.

Hallyu: A Coreia do Sul conquistando o Japão

Embora a Coreia nunca tenha sido formalmente uma colônia do Japão, de 1910 a 1945, o império japonês governou o território coreano. No entanto, as coisas mudaram, pois agora no Japão houve uma popularização do movimento da "Onda Coreana", ou *Hallyu*, o qual trouxe a cultura do entretenimento sul-coreano ocupando um espaço significativo no cotidiano dos japoneses. Esse movimento vem ultrapassando barreiras históricas e diplomáticas entre os países, crescendo cada vez mais na sociedade japonesa. Esse fenômeno teve 3 fases, sendo a última a mais impactante, trazendo com ela nomes como os das bandas *BTS* e *Twice*, além de dramas que entraram rapidamente para os pódios de *streamings*, como *Crash Landing on You* e *Itaewon Class*, conquistando uma série de fãs. Além disso, esse movimento afeta até mesmo o comércio japonês, no qual setores são impulsionados por tendências e celebridades sul-coreanas, o que demonstra um forte impacto cultural e econômico do *Hallyu* no Japão.

Conclusão

Em conclusão, os países que antes eram moldados por uma cultura dominante agora estão influenciando a cultura dos países que anteriormente exerciam essa dominação. Portanto, há uma notável inversão cultural ocorrendo décadas depois, sendo a mídia o principal vetor para a proliferação dessas influências interculturais. Isso pode ser observado nas gerações mais jovens, que estão cada vez mais conectadas à tecnologia, o que pode ser visto na maioria das notícias no Reino Unido vindas dos EUA, na Hallyu no Japão por meio de diferentes mídias, e na influência do português brasileiro sobre o português europeu por meio de influenciadores de mídias sociais. Esse fenômeno está diretamente ligado ao impacto da globalização e do intercâmbio cultural, indo além das noções tradicionais de influência e identidade cultural.

Umbanda: resistência, fé e identidade cultural

A origem, a importância e os princípios da Umbanda na cultura afro-brasileira.

DEBORA LAUTERT FLECK

A umbanda é uma religião afro-brasileira que mistura diversos elementos da religião africana, indígena, oriental e europeia. Os principais guias espirituais que atuam nessa religião são os Orixás e as entidades, que servem para guiar e ajudar os praticantes. Os Orixás são divindades da natureza, e cada Orixá possui características e histórias próprias. Enquanto as entidades são espíritos em evolução que já habitaram a terra junto aos humanos. Com a mesma finalidade dos Orixás, as entidades, depois da morte, voltam como guias espirituais com o propósito de auxiliar os praticantes em áreas da vida, como a saúde, emoções, trabalho e proteção.

Origem da Umbanda

Durante bastante tempo, a Umbanda foi confundida com a "Quimbanda" ou "Macumba carioca". Essa religião surgiu na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro, no dia 15 de novembro de 1908, por meio do médium Zélio Fernandino de Moraes. Na época, Zélio tinha 17 anos e estava se preparando para entrar na Marinha do Brasil. Após sofrer uma paralisia para a qual os médicos não conseguiram fornecer ajuda, Zélio, então, incorporou um espírito com o nome de Caboclo das Sete Encruzilhadas, que anunciou a criação da Umbanda. A Umbanda possui diversos aspectos de outras crenças, assim como várias vertentes tradicionais, astrológicas e sagradas.

Terreiros

Os terreiros são locais onde os rituais, cultos e cerimônias são realizados com o propósito de buscar cura, orientação e ajuda espiritual dos guias. Como existem diversos terreiros, cada um tem sua própria estrutura, porém um terreiro básico tem uma sala principal, o salão de gira, onde ocorrem as incorporações. Além disso, há salas individuais para fazer atendimentos privados e, por fim, áreas de culto, incluindo um altar dedicado aos Orixás.

As giras são sessões onde os médiuns incorporam suas entidades, com danças, cantos, rezas e oferendas em busca de orientação. Cada terreiro tem uma certa hierarquia espiritual, na qual existe o pai-de-santo e a mãe-de-santo, líderes espirituais responsáveis por liderar os praticantes, para que tudo esteja em ordem, cuidar do terreiro e realizar consultas espirituais. O papel dos terreiros é enfatizar a prática, a empatia, o respeito ao próximo e a busca pelo conhecimento.


Zelio Fernandino de Moraes
O Directorio Municipal de São Gonçalo, obediente ao PARTIDO REPUBLICANO FLUMINENSE

(Reprodução: BBC News/Edison Veiga)

A primeira tenda umbandista criada por Zélio foi a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Ela foi fundadaa no dia 16 de novembro de 1908, em Neves, no distrito de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. Em 1918, por ordem da entidade de Zélio, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, ele fundou outras sete tendas:

- Tenda Nossa Senhora da Guia;
- Tenda Nossa Senhora da Conceição;
- Tenda Santa Bárbara;
- Tenda São Pedro;



(Reprodução: Jornal Opção/Livia Barbosa)

- Tenda Oxalá;
- Tenda São Jorge;
- Tenda São Jerônimo.

Regras na Umbanda

Como em qualquer lugar, a Umbanda também tem suas regras que os praticantes devem seguir. Começando pelas vestimentas, como essa prática ocorre em um lugar de culto sagrado, o bom senso e o respeito devem ser utilizados na hora de escolher a roupa. Não são adequadas roupas curtas, escuras, justas, decotadas ou transparentes. Utiliza-se roupas confortáveis e claras. Uma grande parte dos umbandistas ficam descalços, mas isso varia de terreiro para terreiro. Com isso em mente, se prepare para retirar os sapatos antes de entrar no local.

Ao chegar em um terreiro, é importante saber como se portar. Não é um lugar de futilidades, conversas, fofocas, vícios, vendas ou brincadeiras. Praticantes só podem entrar no solo sagrado após serem chamados. E, ao entrar, devem encostar a cabeça no altar como um ato de respeito a Deus, aos Orixás e às entidades. Como dito anteriormente, é um lugar sagrado onde é necessário permanecer em silêncio. Antes de começar as celebrações, a pessoa responsável pelo terreiro começa fazendo uma defumação na casa, para minimizar as energias negativas no ambiente. Porém, também há outro ritual, cujo propósito é blindar o local de espíritos com más intenções.

A música é um aspecto bastante importante na religião e em um terreiro. Os mestres Ogãs são os que mantêm as vibrações certas através das canções em uma gira. Cada momento, canção e instrumento é visto como sagrado.

Conclusão

Em conclusão, a Umbanda é uma prática positiva, com boas intenções, porém é mal compreendida e bastante criticada por indivíduos que não entendem sobre a religião. É importante saber e pesquisar sobre algo antes de formar uma opinião. A umbanda é rica em diversidade cultural e reflete a complexidade da história e cultura do nosso país. Essa prática tem oferecido aos seus seguidores um caminho de fé, equilíbrio, transformação pessoal e apoio espiritual.

Contra os fantasmas da polarização: por uma educação midiática crítica e digital

A urgência da educação midiática e das humanidades digitais no contexto escolar reforça a necessidade de construirmos uma educação mais crítica e ponderada em todos os espaços da sociedade.

OTTO HOMRICH
RODRIGO VIEIRA PINNOW

Em um país com uma população vasta e culturalmente diversa, o rápido avanço da tecnologia da informação e das redes sociais transformou o modo como os brasileiros consomem informações, interagem e participam da vida pública de maneira única. No entanto, essa transformação também trouxe consigo desafios, como a disseminação de notícias falsas, do discurso de ódio e de uma profunda falta de discernimento crítico.

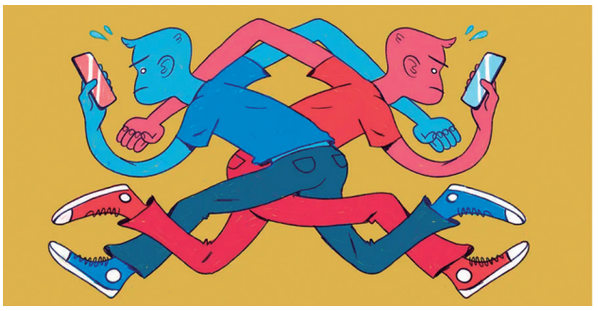
Há 20 anos, enquanto vivíamos o *boom* da educação ambiental nas escolas, pensar em um contexto de polarização que rachasse o Brasil ao meio e

colocasse na mesa do almoço de domingo pautas como política e *fake news* parecia algo impensável e distópico. Hoje, essa realidade está presente não só na mesa das famílias, mas também no intervalo de trabalho, na fila do banco e nos corredores da escola. Com desafios únicos do nosso país, as mídias digitais passaram a influenciar diretamente as relações sociais de forma muito mais intensa, causando conflitos e desinformação generalizada não só no mundo virtual, mas também no real. O impacto disso extrapolou a comunicação e pode ser visto na política, na ciência, na arte, na cultura e na vida cotidiana como um todo.

Em pesquisas recentes desenvolvidas com o uso de mapeamentos digitais, mineração de textos (*text mining*) e leitura distante (*distant reading*), evidenciamos como determinados perfis e centros educativos — outrora voltados à diplomacia cultural — foram reconfigurados como arenas de disputa simbólica e, em alguns casos, instrumentalizados para a desinformação. Essa virada evidencia a urgência de articular humanidades digitais com um projeto de formação para a cidadania crítica, onde a técnica não se sobreponha à reflexão e ao compromisso ético.

Nesse novo cenário polarizado, a importância da educação midiática e das humanidades digitais não pode ser subestimada ou postergada, mas sim reconhecida, valorizada e ampliada. Isso porque uma educação voltada para as mídias desempenha um papel vital em equipar estudantes, professores e comunidades escolares com as habilidades necessárias para navegar com segurança e discernimento nesse caos midiático que se mostra em constante conflito.

A educação midiática é um conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos — dos impressos aos digitais (Educamídia, 2020). É a partir da educação midiática e de sua fonte nas humanidades digitais que aprendemos a avaliar criticamente as fontes de informação (distinguindo entre notícias confiáveis e desinformação), compreender os mecanismos por trás da produção e distribuição de conteúdo midiático, desenvolver habilidades de comunicação responsável e ética nas redes sociais e proteger a nossa privacidade e segurança online. Somente a partir do desenvolvimento dessas habilidades é que estaremos prontos, como cidadãos, para participar ativamente do debate público de maneira construtiva, independende do ponto de vista que esteja em jogo.



(*Reprodução: Business Insider, 2022*)

O processo de internacionalização, em vários momentos do século XX e XXI, estabelece um vetor de difusão de modelos culturais e pedagógicos que atendem a interesses estratégicos, muitas vezes alheios à realidade brasileira. Nesse sentido, urge retomar a internacionalização não como importação de soluções externas, mas como diálogo entre saberes diversos. capazes de ampliar a compreensão crítica sobre os fluxos informacionais e as assimetrias de poder presentes nas dinâmicas digitais e educacionais globais. A educação midiática, nesse contexto, precisa ser pensada também como um espaço decolonial, que permita questionar o que circula, por que circula e a serviço de quem certas verdades se estabilizam no campo informacional. Isso exige uma política pública que articule a dimensão local-global com consciência histórica, responsabilidade ética e valorização das vozes periféricas — inclusive nos ambientes digitais.

Apesar da relevância, o Brasil enfrenta entraves: falta de recursos, desigualdade no acesso à tecnologia, resistência a mudanças e despreparo docente para temas controversos. A polarização faz algumas escolas evitarem o assunto. Soma-se a isso um currículo que prioriza conteúdos fragmentados, desconectados da vida dos alunos. Projetos de letramento digital, como os da Pan American School de Porto Alegre, mostram que o engajamento cresce quando estudantes produzem e curam conteúdos baseados em dados e leitura crítica — prática que aproxima ensino e realidade.

Ainda assim, nossa diversidade cultural e linguística oferece terreno fértil para integrar educa-

ção midiática e humanidades digitais, formando cidadãos aptos a enfrentar desafios e oportunidades do mundo conectado. Informação é poder: avaliar, compreender e produzir conteúdos de forma responsável tornou-se essencial para a cidadania ativa. Defendemos, portanto, que essas competências permeiem todas as etapas da educação.

Como professores e especialistas, defendemos a integração da educação midiática e das humanidades digitais em todas as etapas da educação, desde a mais remota intervenção pedagógica. Não se trata apenas de ensinar a identificar fake news, mas de reconstituir os processos históricos que estruturam o presente, compreendendo como determinadas ideias circulam, ganham legitimidade ou são manipuladas. É nesse ponto que a educação midiática e as humanidades digitais revelam seu potencial: ao cruzarem dados, imagens, discursos e memórias, permitem construir contra-narrativas capazes de reequilibrar o debate público. Contudo, para podermos desempenhar essa função, é fundamental que os próprios professores tenham a formação adequada para lidar com o novo cenário em suas salas de aula.

A memória, lembra Paul Ricoeur, é "reconstrução intencional do que deve ser lembrado". No cenário polarizado atual, educar criticamente envolve revelar silêncios e disputas — inclusive nas redes. A educação midiática, ao dialogar com a memória social, identifica vozes amplificadas, silenciadas ou apagadas nas narrativas contemporâneas.

É hora de reconhecer a educação midiática e as humanidades digitais como prioridade nacional. Essas áreas não podem ser privilégio de poucas escolas, mas sim pauta urgente em todas as comunidades, com investimento, apoio e formação docente. O futuro de nossas relações — cada vez mais digitais — refletirá as habilidades que cultivarmos hoje em sala de aula.

Como o *Brawl Stars* mudou o Brasil

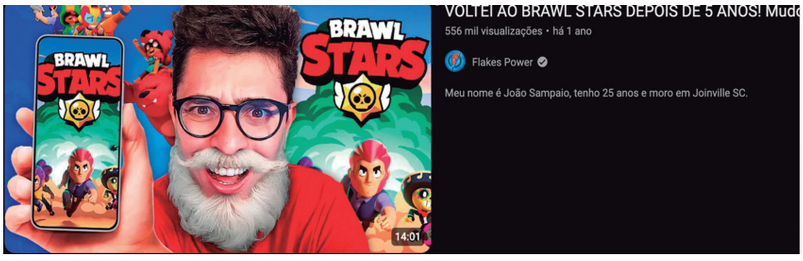
O jogo de celular que revolucionou um cenário brasileiro e mudou o panorama de e-sports no mundo, com o seu estilo rápido e simples.

HADLER CORRALES STORMOVSKI

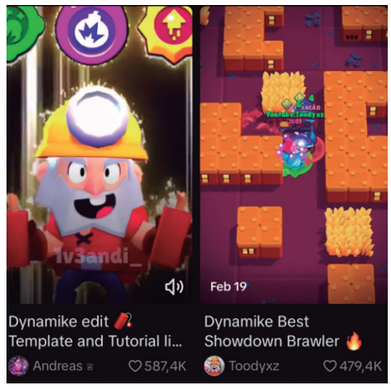
O *Brawl Stars* é um jogo lançado em 2017, nos Estados Unidos, pela Supercell. A criadora de jogos de celular estava fazendo muito sucesso na época com o seu jogo *Clash Royale*. O *Brawl Stars* foi lançado globalmente em dezembro de 2018. O jogo ainda era novo, mas, mesmo assim, vários criadores de conteúdo no YouTube começaram a gravar vídeos jogando e demonstrando as características do jogo.

O começo de uma era

Gelli Clash, Clash com Nery, Lucas Clash ON, Flakes Power e Vinhô são todos criadores de conteúdo que, juntos, têm uma comunidade enorme dentro do YouTube. Todos esses criadores marcaram o início do *Brawl Stars* no cenário brasileiro, com vídeos amontoando milhões de visualizações. Os vídeos têm, em média, cerca de 10 minutos, e milhares de pessoas os assistiam, interessadas em jogar o jogo que seu criador de conteúdo favorito jogava. O *Brawl Stars* cresceu rapidamente, conquistando novos jogadores



(*Reprodução: Flakes Power, Youtube, Novembro de 2024*)



(*Reprodução: TikTok, novembro de 2024*)

todos os dias no Brasil. Já nos Estados Unidos, uma febre semelhante acontecia. Contudo, por o jogo ter sido lançado antes na América do Norte, o público nos Estados Unidos já era maior do que em outros países. Mas não demorou muito para o Brasil crescer em número de jogadores assim como no Estados Unidos.

Para ser gratuito, o jogo era acessível a um público amplo e para qualquer pessoa de qualquer classe social. Até oito anos depois, em 2024, o jogo segue gratuito em todas as plataformas de celular, e constantemente crescendo.

O cenário profissional de *Brawl Stars* começou em 2019, com o primeiro campeonato mundial. De acordo com o Esportes Charts, o Brasil é o segundo país com maior número de premiações, com aproximadamente 786 mil dólares ganhos. Além disso, o país tem por volta de 55 jogadores profissionais.

A queda com os youtubers originais

Os Youtubers citados anteriormente, agora seguem caminhos diferentes. Alguns continuam jogando *Brawl Stars* e fazendo conteúdo, mas, por exemplo, o Flakes Power, até a data 21 de novembro de 2024, já completou um ano desde a publicação de seu último vídeo sobre o jogo. Os Youtubers de *Brawl Stars* estão evoluindo com o jogo, criando novas comunidades e alegrando a vida de milhares de brasileiros.

O *Brawl Stars* continua crescendo a cada ano que passa. Com novos downloads no Brasil a cada minuto, pode-se argumentar que foi o jogo mais importante e impactante no Brasil, revolucionando o cenário de videogames e, especialmente, de jogos de celular.

O *Brawl Stars* é um jogo que utiliza poderes mágicos como ataques e personagens fictícios, como o Spike, que é um cacto. O jogo não tem mecânicas de sangue ou de violência extrema, o que possibilita que seja jogado por crianças, adolescentes e adultos, devido à ausência de violência explícita. Além disso, oferece uma variedade de modos de jogo, permitindo jogar com amigos ou com outros jogadores.

O *Brawl Stars* no TikTok

O *Brawl Stars* ganhou muita atração na plataforma TikTok, com vídeos curtos de jogadas feitas por jogadores da comunidade, que utilizavam músicas do estilo funk brasileiro e deixaram uma marca lendária dentro da plataforma. Os vídeos são conhecidos como *edits* e seguem um padrão: são curtos, chamativos e demonstram as habilidades de jogadores. Mais especificamente, os personagens, conhecidos como *Brawlers*, que mais aparecem nestes *edits* são o Dynamike e a Piper, que são considerados personagens difíceis de se jogar e requerem um alto nível de habilidade.

Em conclusão, o Brawl Stars revolucionou o Brasil e o cenário profissional de videogames. Foi um jogo que, em poucos anos, ficou mundialmente conhecido por seu alto nível de popularidade entre comunidades tanto adultas quanto infantis ao redor do mundo. Um sucesso instantâneo, com cerca de 15 milhões de jogadores em 2021, espalhados pelo globo. Com atualizações, como brawlers, balanceamento e modo ranqueado, feitas mensalmente que dão um ar novo para o jogo, criou-se uma comunidade diversa de jogadores de todas as idades, unidos por um amor comum pelo Brawl Stars.

Whiplash: o sacrifício da perfeição

O preço do sucesso: uma reflexão sobre os limites do sacrifício e a busca pela excelência em *Whiplash*.

PEDRO MÜSSNICH ROHENKOHL



(Reprodução: Globo)

O filme *Whiplash: Em Busca da Perfeição* pode parecer, na superfície, uma simples história sobre um adolescente com o sonho de tornar-se um grande baterista de jazz. Mas, olhando profundamente para a história, podemos tirar lições importantes para a vida. Andrew Neiman é um baterista no Shaffer Conservatory, uma faculdade de música situada em Nova Iorque. Após vê-lo ensaiar sozinho, o professor da banda principal da instituição, Terence Fletcher, recruta Neiman para ser o baterista reserva de sua banda. Fletcher tinha uma maneira peculiar de ensinar: após Neiman não conseguir tocar a música *Whiplash*, de Hank Levy, uma composição extremamente complexa, em seu primeiro ensaio, Fletcher arremessa uma cadeira em Neiman, além de agressivamente puni-lo com tapas.

Tudo isso acaba motivando Neiman a praticar de maneira intensa, abandonando sua namorada, conexões familiares e sua saúde física para alcançar a perfeição. Ele competia com dois outros bateristas, e Fletcher precisava de apenas um para ser o titular da banda. Para decidir quem ficaria com essa posição, Fletcher faz os bate-

ristas ficarem em um ensaio até que algum deles consiga tocar a música *Caravan* em "*double time*" (dobro da velocidade). Isso acaba resultando em um ensaio de cinco horas, do qual Neiman sai pingando suor e com as mãos sangrando, mas com a posição garantida. Mesmo assim, o sacrifício não acaba por aí. No dia da apresentação, o pneu do ônibus em que ele estava fura, fazendo com que ele se atrasasse. Para evitar isso, ele sai correndo para alugar um carro e acelera até a apresentação, o que acaba fazendo ele bater em um ônibus. Todo sangrento, após ter se acidentado, a única coisa em sua mente era apresentar-se, mostrando como sacrificava tudo para ser o melhor baterista possível: ele havia sido consumido. A única coisa na qual ele pensava era a bateria. Ele corre até a apresentação, chegando atrasado e, evidentemente, não consegue tocar, pois havia sofrido um acidente. Isso leva Neiman à loucura. Ele agride Fletcher na frente de todos e acaba sendo expulso da faculdade.

Isso causa Neiman a quase desistir, mas sua resiliência acaba sendo recompensada: ao final do filme, ele acaba "atingindo a perfeição". Isso mostra que alcançar a perfeição exige sacrifício e resiliência. Nem todos possuem a força de vontade demonstrada por Neiman. A perfeição não pode ser atingida sem esse sacrifício, por isso a quantidade limitada de grandes músicos. Neiman ousou sacrificar tudo, entregando 100% de si, e por isso chegou em outro nível.

Lições aprendidas em *Whiplash*

Whiplash traz várias lições importantíssimas para a vida. O filme mostra o sacrifício necessário para atingir o mais alto nível de alguma coisa, seja bateria, como no filme, ou qualquer outra atividade na vida. Mesmo com seu método de ensino rígido, Fletcher fala a Neiman que não se arrepende de nada, mesmo tendo motivado o suicídio de um dos seus alunos. Fletcher é uma pessoa que acredita que a perfeição só pode ser atingida por meio de uma cobrança pesada. Vemos suas punições extremas, como agressão física e verbal, tapeando seus alunos e insultando-os até chorarem.

Mas, no fim do filme, acabamos descobrindo que esse método é o único que leva à real perfeição. Neiman prova que um método mais extremo, que deixa a pessoa obcecado pelo objetivo, disposto a fazer tudo o possível para alcançá-lo, é o mais efetivo. Isso levanta a questão: será que Fletcher estava certo? Acredito que sim. A perfeição só é alcançada com esforço e sacrifício, e isso requer uma cobrança mais intensa. A motivação pelo medo, historicamente, provou-se a mais efetiva, e isso pode ser visto no método de Fletcher.

Na vida real, vemos pessoas que sacrificam tudo para chegar ao seu lugar desejado. De atletas como Cristiano Ronaldo até trabalhadores públicos, com seus objetivos sendo atingir desde uma copa do mundo até um aumento salarial. O recurso mais escasso do planeta é o tempo, e como usamos ele é uma decisão individual. No filme, Neiman escolhe utilizar todo o seu tempo na busca pela perfeição, sacrificando toda sua vida pessoal para chegar a seu objetivo.

Em conclusão, o *Whiplash* nos mostra como a perfeição e a grandeza só podem ser atingidas pelo esforço e sacrifício. Podemos questionar os métodos de Fletcher e suas consequências, porém seus resultados falam por si só.

A importância dos feriados nacionais

Uma análise comparativa sobre a importância dos feriados nacionais brasileiros e americanos.

LUIS FERNANDO COSTA ESTIMA SOBRINHO

Os feriados nacionais promovem a união e o senso de identidade nacional ao lembrar datas históricas, culturais ou religiosas que marcaram o país. Oferecem momentos para refletir sobre a história e os valores da sociedade, além de oportunizar um tempo para descanso e lazer. Outro fator a considerar é que os feriados impulsionam a economia e o turismo, pois muitas pessoas aproveitam essas datas para viajar. Os feriados ajudam a fortalecer a cultura, a memória coletiva e o bem-estar da população.

Convido o leitor a fazer uma análise dos o impactos, históricos, nacionais, internacionais e culturais entre os feriados americanos e brasileiros. Nos Estados Unidos, os feriados nacionais costumam ser amplamente comemorados. Diversas partes do mundo também celebram feriados americanos por entenderem seu contexto ou por simplesmente se identificarem com eles. Exemplos disso são o Dia de Ação de Graças, ou *Thanksgiving*, o *Halloween* (apesar de não ser feriado, é em uma data fixa e amplamente festejado ao redor do mundo) e até mesmo o dia da independência, o 4 de julho.

O feriado de Independência do Brasil comemorado no dia 7 de setembro, que celebra a ruptura das relações coloniais do Brasil com Portugal em 1822, é celebrado principalmente nas escolas, que promovem desfiles pelas ruas da cidade, enquanto os alunos cantam os hinos da Independência e do Brasil. Comparado ao feriado americano de independência, dia 4 de julho, a Independência brasileira é muito pequena pois não é celebrada de forma internacional como a dos Estados Unidos. Lá,



(Reprodução: Wikipédia)

as pessoas sentem orgulho do seu país e comemoram com desfiles, fogos de artifício, festas ao ar livre e diversas atividades que celebram a liberdade e a história do país.

Os feriados nacionais brasileiros celebrados são fixados em nove datas comemorativas: Confraternização Universal (1º de janeiro), Tiradentes (21 de abril), Dia do Trabalhador (1º de maio), Independência do Brasil (7 de setembro), Nossa Senhora Aparecida (12 de outubro), Finados (2 de novembro), Consciência Negra (20 de novembro) e Natal (25 de dezembro). Mas, além disso, existem feriados estaduais e municipais, e festas amplamente celebradas, como o São João e o Carnaval. Este último é, sem dúvidas, a festa de maior repercussão nacional e internacional, pois é admirado ao redor do mundo. Mesmo não sendo um feriado oficial, é celebrado de diferentes formas e costumes em todo o país. No Rio de Janeiro, onde é feito o desfile das escolas de samba no Sambódromo, famoso no mundo inteiro; em Salvador, na Bahia, os trios elétricos e blocos afro, como o

Olodum, animam multidões ao som de axé e samba-reggae. Regiões como o Rio Grande do Sul e o Amazonas celebram com influências culturais locais, com ritmos gaúchos até fusões com a cultura indígena e cabocla, respectivamente. Assim, o Carnaval une o Brasil em uma explosão de alegria, dança e tradição.

O Brasil tem sua cultura fortemente centrada no samba, no futebol, na música e na dança – elementos que se refletem em feriados e festas populares. Festas que misturam dança e música tradicional, como o forró, representam as raízes culturais do interior do país. Essas celebrações mostram como o Brasil valoriza suas manifestações artísticas e esportivas, promovendo a união e a diversidade cultural.

Importância histórica e cultural

A importância histórica e a importância cultural desempenham papéis complementares na formação de uma sociedade. A história é fundamental para entender as raízes de um povo, os eventos marcantes e as lições do passado que nos fizeram chegar ao presente. É um aprendizado que pode nos ajudar a evitar erros e a valorizar conquistas. Por outro lado, a cultura reflete a essência de uma sociedade através de tradições, arte, música, língua e costumes. É por meio da cultura que as pessoas mantêm costumes e valores que dão significado a uma sociedade.

Comparando o Brasil e os Estados Unidos, é possível observar diferentes formas de equilíbrio entre história e cultura. No Brasil, a riqueza cultural, marcada por festas como o Carnaval e manifestações artísticas, muitas vezes prevalece na percepção popular, enquanto questões históricas ainda enfrentam desafios para serem plenamente integradas e amplamente celebradas. Nos Estados Unidos, a história é celebrada em feriados como o Dia da Independência, com destaque para os valores do país, mas a cultura contemporânea, como Hollywood e a música pop, também desempenha um papel global.

Assim, tanto a história quanto a cultura são fundamentais e, em diferentes contextos, uma pode ganhar mais destaque que a outra, mas ambas são igualmente relevantes para a construção de uma sociedade completa.

O abacaxi tem lugar na pizza?

Por que a pizza havaiana é tão polêmica e por que ela deveria ser normalizada no Brasil.

MONICA MARIE JONES

Em 1962, inspirado pela culinária chinesa servida nos Estados Unidos – conhecida por ter sabores agridoces – o chefe canadense, Sam Panopoulos, criou uma cobertura de pizza que ficou famosa mundialmente: a pizza havaiana. Ele adicionou abacaxi fatiado com pedaços de presunto na pizza, criando um novo sabor que é amada por uns e odiada por outros

É compreensível que alguns não gostam do sabor da pizza havaiana, mas é inaceitável que alguns considerem uma desgraça para a sociedade. Alguns até criticam o sabor sem experimentar, o que não é aceitável vindo dos brasileiros, que têm mentes muitos abertas quando se trata de pizza. Eles não precisam gostar do sabor, mas devem aceitar a pizza ou, pelo menos, não julgá-la.

A razão pela qual as pessoas gostam do sabor

Primeiramente, a razão pela qual as pessoas gostam do sabor do abacaxi na pizza é a mistura de sabores salgados e doces, que agrada o cérebro, ao detectar o açúcar e o sal simultaneamente. O

abacaxi tem entre 12% a 15% de açúcar em sua composição, além de possuir sabores ácidos que, quando aquecidos, tornam o molho de tomate e o queijo ainda mais gostosos.



(*Reprodução: Getty Images*)

A razão pela qual os brasileiros têm que aceitar a pizza havaiana

Em segundo lugar, pensemos sobre por que os brasileiros deveriam aceitar a pizza havaiana. De acordo com a Associação Pizzarias Unidas Do Brasil, a quantidade de pizza produzida diariamente no Brasil é superior a 1,9 milhão. E, conforme uma pesquisa da Domino's, a rede de pizzarias número um do mundo, dos 769 respondentes, 99,87% gostam de pizza e consomem, em média, uma vez por semana. Então, os brasileiros são grandes fãs de pizza e gostam de comer Domino's. No entanto, dos 29 sabores oferecidos de Domino's no Brasil, a pizza havaiana não é um deles. Já nos Estados Unidos, Domino's e Pizza Hut, duas cadeias de pizzarias populares, oferecem a pizza havaiana como uma opção.

Então, a grande questão é a razão pela qual a Domino's no Brasil não oferece a pizza havaiana. A resposta mais lógica é um desgosto do sabor – neste caso, pela mistura de doce e salgado juntos. Entretanto, existem pratos que fazem essa combinação no Brasil. Em Porto Alegre, por exemplo, goiabada e queijo são servidos nas churrascarias. Então, uma outra razão possível pela impopularidade do sabor pode ser um desgosto de abacaxi. Porém, as churrascarias também servem abacaxi aquecido com canela.

Uma outra razão para essa falta de popularização da pizza havaiana no Brasil, e a primeira razão que vem à mente, é a combinação de abacaxi com pizza. Existe pratos com abacaxi e frango, então o abacaxi usado em comida salgada não é o problema. O problema deve ser o fato de que o abacaxi é uma cobertura na pizza. Entretanto, o motivo dessa rejeição não é um simples desgosto, mas sim um preconceito. Isso é verdade porque o Brasil tem pizzarias que servem pizzas com qualquer cobertura, como milho, pão de alho, ovos, entre outras inusitadas. O Brasil também tem pizzas de sobremesa que levam morango e chocolate ou banana. Esses sabores de pizza nem existem nos Estados Unidos, então é seguro dizer que o Brasil é bastante aberto a sabores incomuns de pizza.

Portanto, a razão de a Domino's no Brasil não oferecer a pizza havaiana, mas oferecer pizza de queijo e presunto, é que a pizza havaiana é polêmica, então muitas pessoas nem querem experimentar.

Conclusão

Em conclusão, a resposta é: sim, o abacaxi tem lugar garantido na pizza. Ninguém tem que gostar do sabor, mas o ele não deve ser tão polêmico e criticado. O Brasil é um dos países mais abertos quando se trata de coberturas de pizza, então os brasileiros têm que aceitar a pizza havaiana como um sabor válido. A pizza havaiana existe no Brasil e é servida, mas deve ser mais popularizada e servida em mais pizzarias, em mais cidades brasileiras. Ela deveria ser mais popularizada em Porto Alegre também, começando com sua inclusão nos cardápios das Domino's locais.

Expediente

PAN AMERICAN
THE INTERNATIONAL SCHOOL OF PORTO ALEGRE

CADERNO
CULTURAL

Editor-Chefe: Otto Homrich
Diretor Adjunto: Rodrigo Vieira Pinnow
Diretor de Redação: Otto Homrich
Revisor: Rodrigo Vieira Pinnow

Redatores e Articulistas: Thiago Abensur, Enzo Valar Agostini, Antônio Maisonnave Cisneros, Marco Antônio Martha Eick, Luís Fernando Costa Estima Sobrinho, Debora Lautert Fleck, Monica Marie Jones, Mateus de Cerqueira Lima Koch, Matheus Casteli Leite, Arthur Corrêa Munch, Frederico Saraiva Nunnenkamp, Marco de Azevedo Pizzato, Gabriel Pedroti Rodrigues, Pedro Müssnich Rohenkohl, Roberto Guimarães Concli da Silva, Hernán Andrés Beltrão Soares, Hadler Corrales Stormovski, Pedro de Souza Wallauer, Isabela Lima Wiedemann.

Redação e Correspondência:
Avenida João Obino, 110, Sala E422 - Bairro Petrópolis - Porto Alegre/RS
CEP 90470-150

CADERNO CULTURAL (ISSN 3085-8283). CADERNO CULTURAL é uma publicação anual do Programa de Estudos Brasileiros da Pan American School of Porto Alegre.

Capa: Criada com Inteligência Artificial
Projeto gráfico e diagramação:
Niura Fernanda
Revisão: Isabella Morais
Gráfica: IDEOGRAF
Gráfica e Editora Ltda





PAN AMERICAN

THE INTERNATIONAL SCHOOL OF PORTO ALEGRE